

FIESP CIESP

DEPECON

Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos



**Indicadores Econômicos da Indústria
de Transformação e dos Setores do
Sindicato**

SIMEFRE

Março de 2016

Este relatório visa a fornecer informações econômicas sobre a Indústria de Transformação aos Sindicatos filiados à FIESP. Primeiramente, avalia-se o cenário econômico atual, seguido de informações de comércio exterior, produção, produtividade e emprego para a Indústria de Transformação com abertura setorial. Os indicadores aqui são os mais atuais disponíveis no momento de confecção do relatório. Sempre que possível, são fornecidas também informações específicas sobre os produtos e/ou setores representados pelo Sindicato.

Sumário

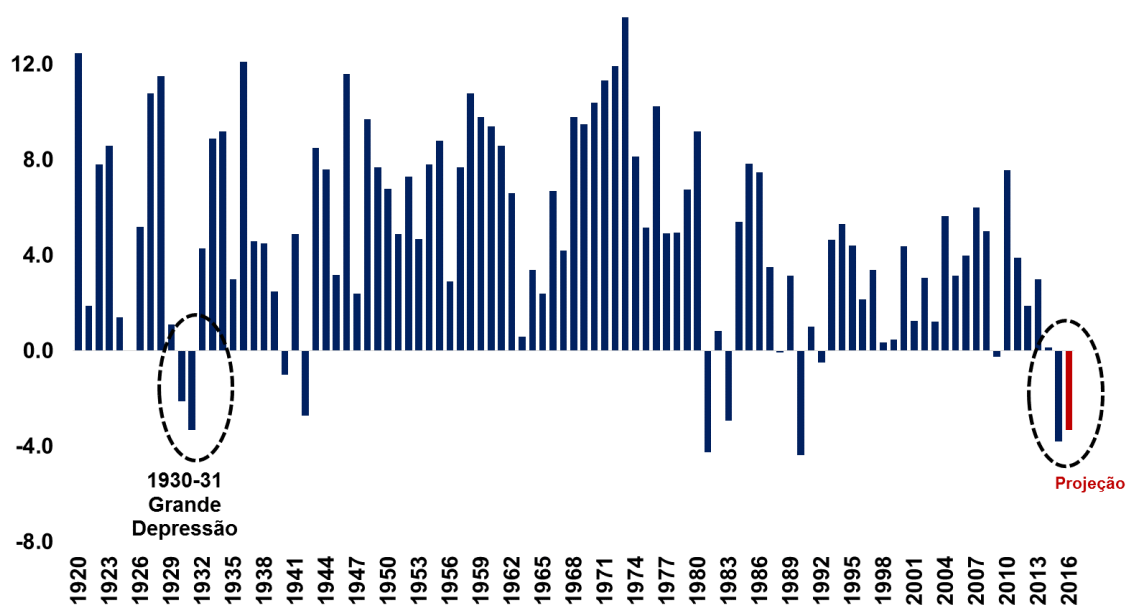
1. Cenário Econômico.....	3
2. Comércio Exterior.....	9
2.1. Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação.....	9
2.1. Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação.....	15
3. Exportações, Importações e Balança Comercial dos Produtos do SIMEFRE.....	22
4. Produção Industrial Brasileira.....	27
5. Produtividade Física do Trabalho na Indústria de Transformação Brasileira.....	30
6. Emprego na Indústria de Transformação Brasileira.....	33
7. Empregos e Salários nos Setores CNAE do Sindicato.....	37
7.1. Setores CNAE no Sindicato.....	37
7.2. Evolução da Ocupação.....	38
7.3. Evolução Real dos Salários.....	39

1. Cenário Econômico

O ano de 2015 foi marcado por profundos ajustes na economia brasileira. Expressiva desvalorização da taxa de câmbio e significativo reajuste da tarifa de energia elétrica foram um dos destaques. O contexto político conturbado emperrou o processo de ajuste das contas públicas, que aliado aos desdobramentos da Operação Lava Jato e seus efeitos negativos sobre a cadeia de óleo de gás, concorreram para deprimir a atividade econômica. Ademais, a contribuição do setor externo ao crescimento do Brasil se reduziu. A economia global apresenta um menor crescimento, com a economia chinesa sendo destaque no movimento de desaceleração do crescimento das economias emergentes, puxando para baixo o preço internacional das *commodities*. O PIB brasileiro recuou 3,8% em 2015, a maior queda desde 1990, e as perspectivas para 2016 não são animadoras.

Acreditamos que o quadro continuará bastante adverso em 2016 para a atividade econômica doméstica. A deterioração dos fundamentos econômicos é expressiva, com aperto nas condições de crédito, elevação da inflação, queda do nível de emprego e da renda. Ademais, a incerteza sobre a trajetória das contas públicas contribui para manter a confiança do empresariado em níveis historicamente deprimidos, minando dessa forma uma eventual retomada da atividade econômica. O mecanismo é simples, sem recuperação da confiança do empresariado não há investimento e crescimento econômico. Esperamos que o PIB brasileiro recue aproximadamente 3,5% em 2016, marcando dois anos consecutivo de contração do PIB, algo que não ocorria no Brasil desde o biênio 1930-31.

**Crescimento do PIB Brasileiro (Em %)
1920 - 2016**



Fonte: IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

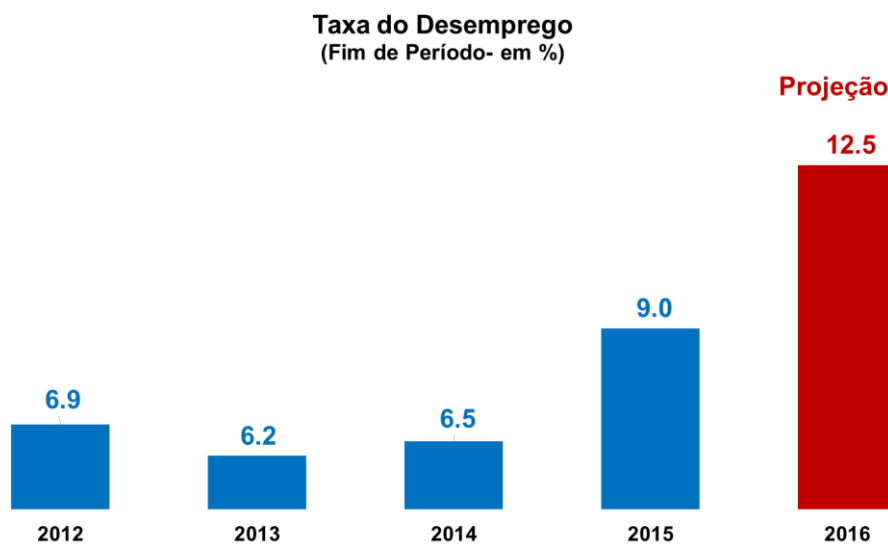
As expectativas do mercado e do Fundo Monetário Internacional (FMI) sinalizam que não haverá uma melhora substancial no crescimento do PIB brasileiro em 2017. De fato, a mediana das expectativas dos analistas, coletada pelo Banco Central e apresentada no Relatório Focus, aponta para um crescimento do PIB de apenas 0,40% em 2017¹. A projeção do FMI sinaliza para um cenário ainda mais desalentador, com a economia brasileira apresentando crescimento nulo segundo projeções da instituição².

Respondendo a atividade econômica em recessão, o mercado de trabalho vem apresentando forte desaquecimento, exibindo desaceleração dos salários, fechamento de postos de trabalho e elevação da taxa de desemprego. Segundo o Ministério do Trabalho, em 2015 houve o fechamento de 1,6 milhão de postos de trabalho com carteira assinada. De acordo com o IBGE, a massa salarial real caiu 5,3% em 2015, marcando a primeira queda da série histórica iniciada em 2004. Com relação a taxa de desemprego, a taxa de desocupação encerrou 2015 em 9,0%, um forte aumento com relação os 6,5% observados em 2014. Para 2016 acreditamos que a taxa de desemprego atinja 12,5%. Em termos de contingente, estimamos que o número de desocupados

¹ <http://www.bcb.gov.br/pec/GCI/PORT/readout/R20160318.pdf>.

² <http://www.imf.org/external/pubs/ft/survey/so/2016/RES011916A.htm>.

passará de 6,4 milhões de milhões em 2014 para 12,7 milhões em 2016, um salto de 6,3 milhões em dois anos.³



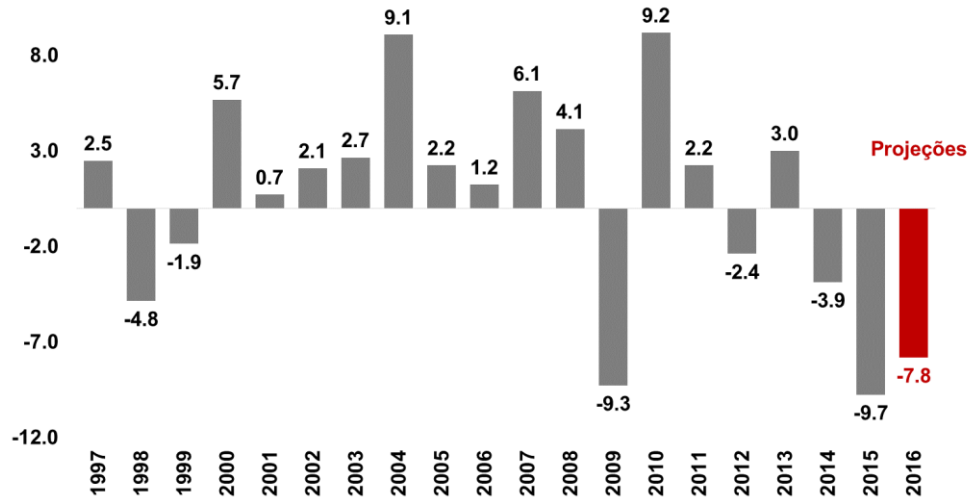
Fonte: IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

No caso da Indústria de Transformação, os números ganham contorno mais dramáticos. Se para muitos analistas a recessão na economia brasileira teve início no segundo trimestre de 2014⁴, na Indústria de Transformação podemos afirmar que o setor está em recessão há pelo menos três anos. Após recuar 3,9% em 2014 o PIB do setor caiu 9,7% em 2015 e a nossa expectativa é que aponte contração de quase 8,0% este ano.

³ A taxa de desemprego refere-se a PNAD-Contínua do IBGE.

⁴ <http://portalibre.fgv.br/main.jsp?lumChannelId=4028808126B9BC4C0126BEA1755C6C93>.

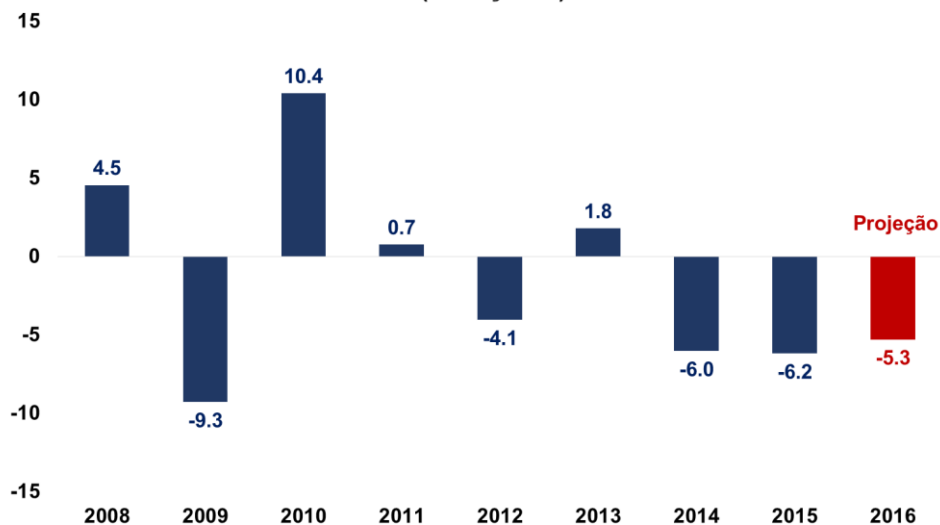
**Indústria de Transformação - PIB
Variação Anual (Em %)**



Fonte: IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

Na Indústria paulista, o cenário também é de recessão, e por um longo período. O seu Nível de Atividade já vem apresentando resultados fracos desde 2011, registrando crescimento apenas em 2013, resultado que não chegou perto de compensar a queda sofrida no ano anterior. Em 2014 e 2015, houve queda da atividade de 6,0% e 6,2% respectivamente. Para 2016, nossa projeção também é de recuo do nível de atividade industrial da ordem de 5,3%.

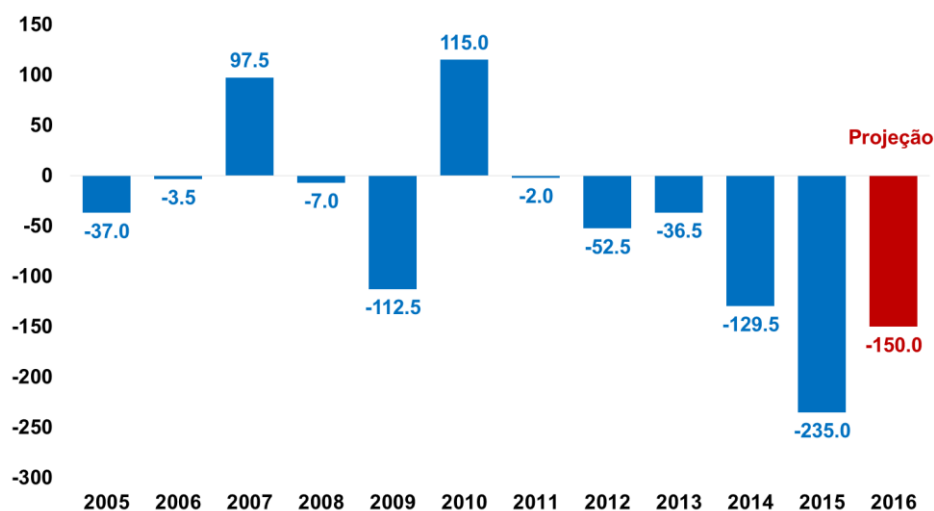
**Indicador do Nível de Atividade (INA)
(Variação %)**



Fonte: FIESP

Como consequência do baixo desempenho da atividade, o nível de emprego da Indústria de Transformação paulista também vem apresentando profunda deterioração. Segundo a Fiesp, em 2015 a Indústria paulista demitiu 235 mil trabalhadores, superando o patamar do ano de 2014, quando foram fechados 129,5 mil postos de trabalho. Para 2016 a nossa projeção é que ocorram 150 mil demissões no setor no estado de São Paulo. Se essa perspectiva para 2016 se concretizar, a Indústria de São Paulo terá demitido 620 mil trabalhadores entre 2011 e 2016.

Nível de Emprego na Indústria Paulista (FIESP)
Empregos no Ano (Em Milhares)



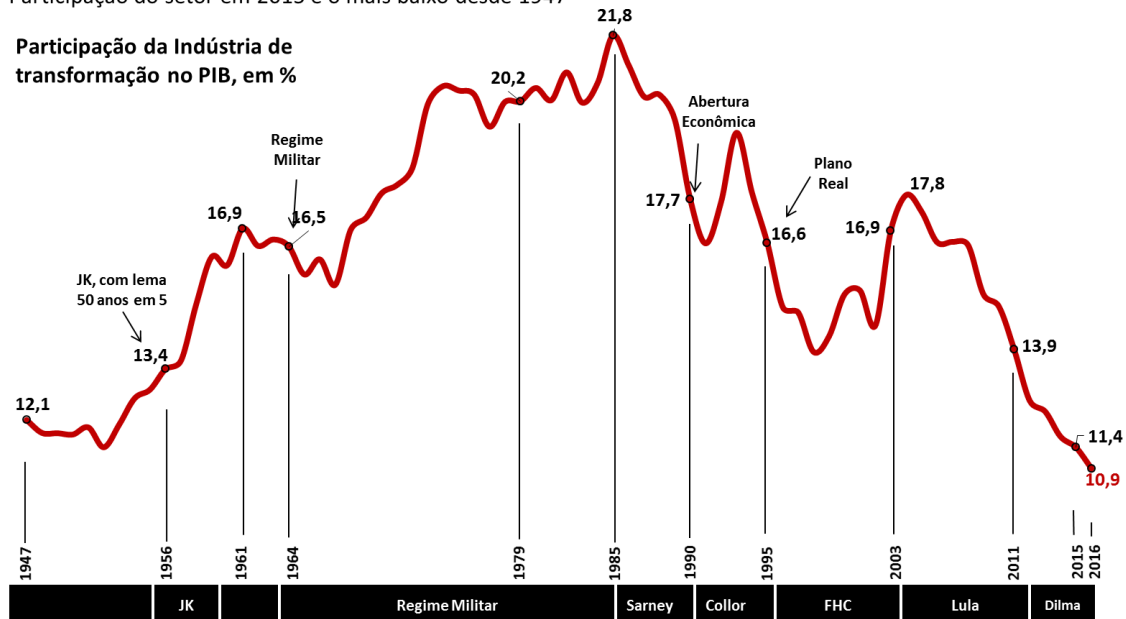
Fonte: FIESP

A participação da Indústria de Transformação no PIB vem mostrando persistentes quedas nos anos recentes, recuando de 16,9% em 2003 para 11,4% em 2015, o menor nível da série histórica iniciada em 1947. Para 2016 a nossa expectativa é que essa participação atinja 10,9%. Esse processo derivou de um longo período de câmbio valorizado e aumento dos custos que dinamitaram a competitividade do setor, resultando no recrudescimento do movimento de penetração de produtos importados. A elevação dos custos assolou a Indústria de Transformação, em que mereceu destaque, a considerável expansão dos salários reais acima do crescimento da produtividade da mão de obra entre 2010 e 2014, além do histórico fardo do Custo Brasil: carga tributária pesada; burocracia excessiva; juros e *spreads* elevados e infraestrutura defasada.

CRISE NA INDÚSTRIA

Participação do setor em 2015 é o mais baixo desde 1947

Participação da Indústria de transformação no PIB, em %



Fonte: IBGE. Metodologia: Bonelli & Pessoa, 2010. Elaboração: Depecon/FIESP

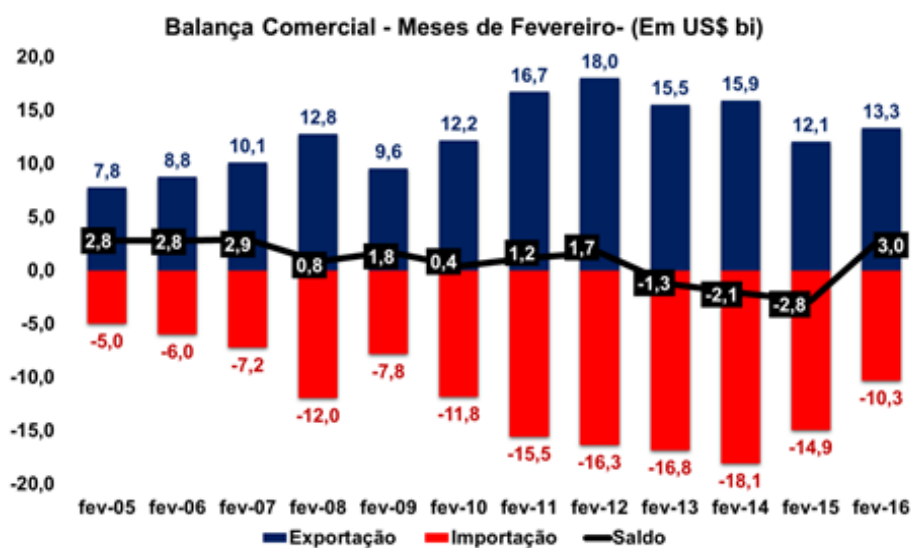
Em suma, diante da acentuada deterioração dos fundamentos econômicos, com destaque para o menor crescimento da renda e elevação da taxa de desemprego, além da elevada incerteza que cerca o cenário econômico e político, a economia brasileira deverá sofrer novo recuo do PIB em 2016, configurando dois anos de recessão no país. A Indústria de Transformação continuará a enfrentar um cenário bastante desafiador, caminhando para o terceiro ano de queda do seu PIB. Decerto, para a Indústria de Transformação, bem como para a economia brasileira com um todo, o país está experimentando a mais profunda e longa das recessões.

2. Comércio Exterior

2.1. Balança Comercial Brasileira e da Indústria de Transformação

FEVEREIRO DE 2016

Em fevereiro de 2016, a balança comercial brasileira atingiu US\$ 3,0 bilhões, primeiro superávit para meses de fevereiro desde 2012 - quando registrou um superávit de US\$ 1,7 bilhão. As exportações totais registraram US\$ 13,3 bilhões, com uma média diária de US\$ 702,5 milhões. Já as importações brasileiras totalizaram US\$ 10,3 bilhões, com uma média diária de US\$ 542,4 milhões.

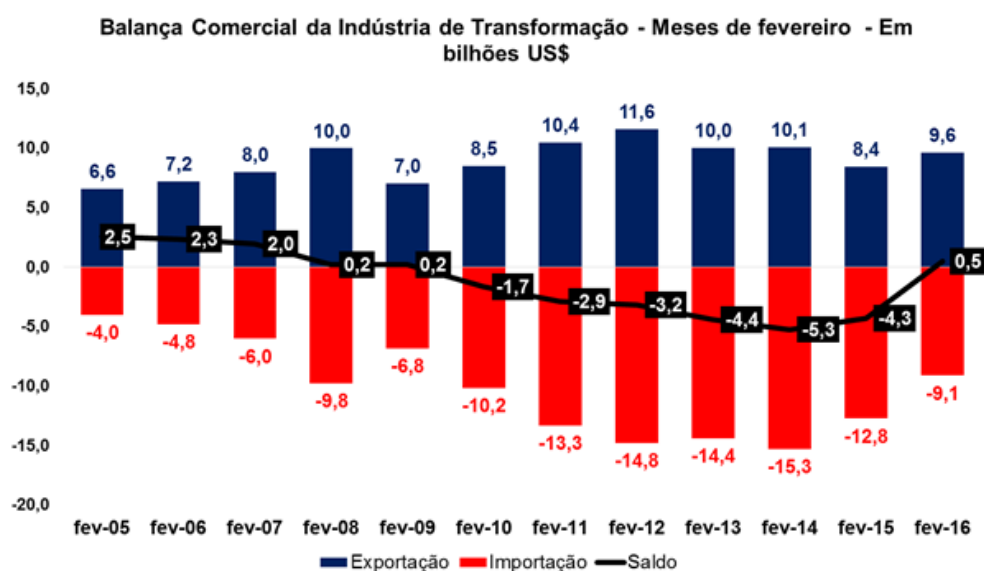


Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon/FIESP

Na comparação com a média diária ⁵de fevereiro de 2015, houve um aumento de 4,6% das exportações totais (quando registrou US\$ 671,8 milhões) e uma queda de 34,6% das importações totais (quando registrou US\$ 829,6 milhões).

⁵ O controle de média diária é para garantir o mesmo número de dias úteis nos meses analisados.

A balança comercial da Indústria de Transformação, por sua vez, atingiu um superávit de US\$ 472,1 milhões no mês de fevereiro. As exportações registraram US\$ 9,6 bilhões, com uma média diária de US\$ 505,3 milhões. Já as importações totalizaram US\$ 9,1 bilhões, com uma média diária de US\$ 480,5 milhões.

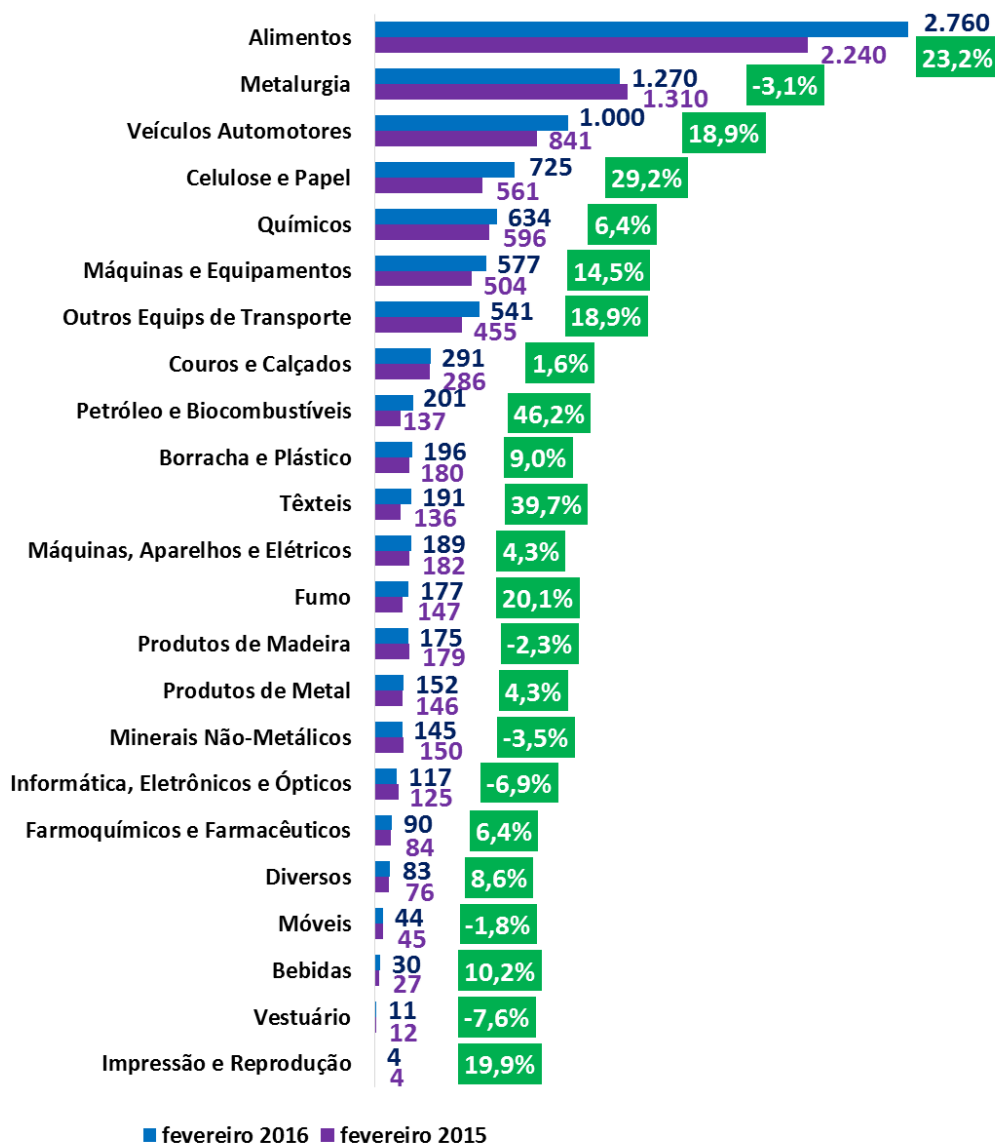


Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon/FIESP

Na comparação com a média diária de fevereiro de 2015, houve um aumento de 8,0% das exportações (quando registrou US\$ 467,9 milhões) e uma queda de 32,2% das importações (quando registrou US\$ 708,6 milhões).

Analisando setorialmente, as exportações cresceram em 17 setores da IT em relação a fevereiro de 2015, com destaque para derivados de petróleo e de biocombustíveis (46,2%), têxteis (39,7%) e celulose e papel (29,2%). Por outro lado, 6 setores mostraram queda, com destaque para o vestuário (-7,6%) e informática e produtos eletrônicos (-6,9%). O gráfico abaixo apresenta as exportações setoriais em fevereiro de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

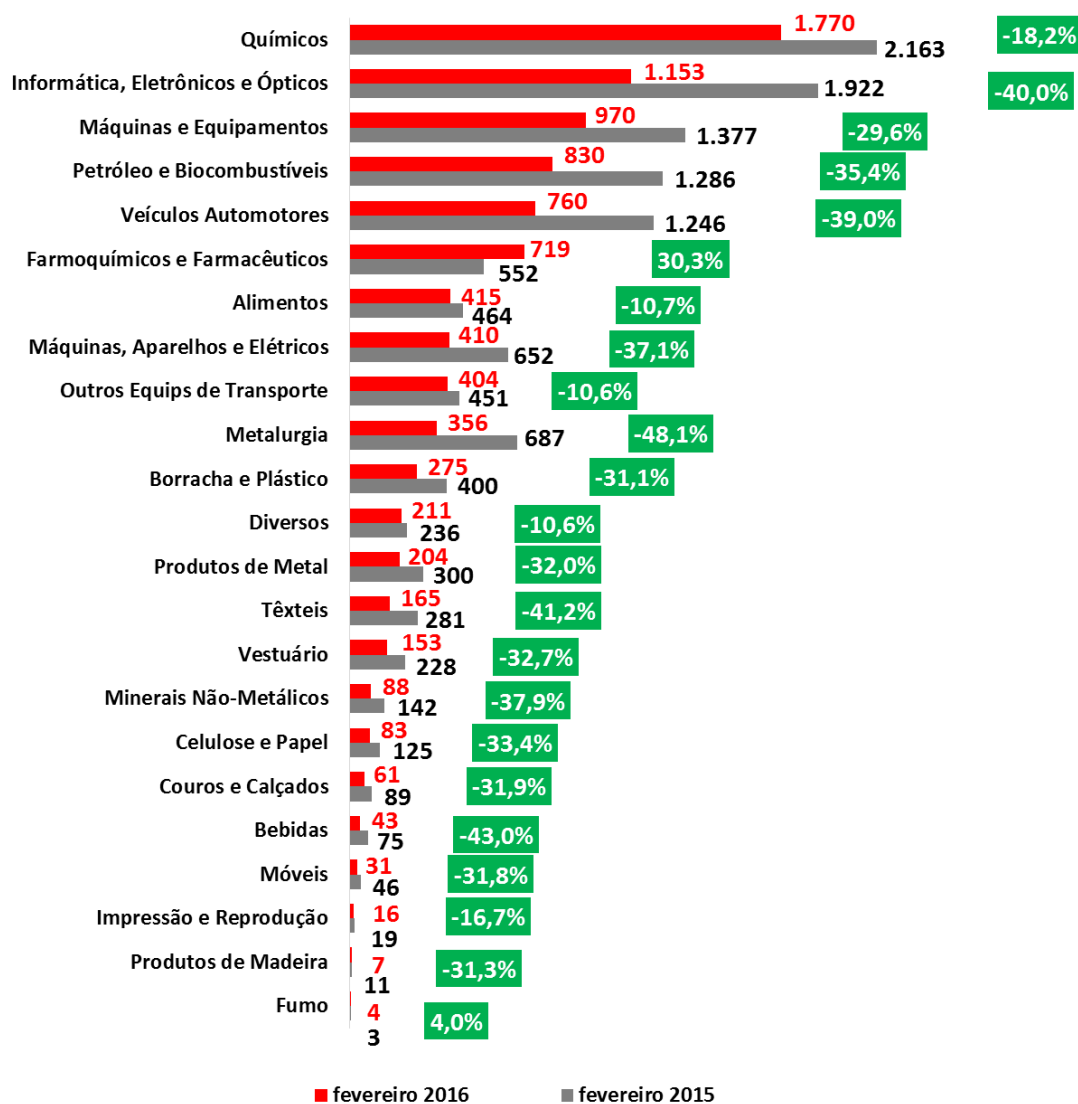
**Exportações por setores da Indústria de Transformação
Fevereiro 2015 e 2016 - Em milhões de US\$**



Fonte: FUNCEX. Elaboração: Depecon-Fiesp

Em relação às importações, por sua vez, somente 2 setores da IT apresentaram alta que foram o farmacêutico (30,3%) e fumo (4,0%). Os setores que apresentaram maiores quedas foram: metalurgia (-48,1%), bebidas (-43,0%) e têxteis (-41,2%). O gráfico abaixo apresenta as importações setoriais em fevereiro de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

**Importações por setores da Indústria de Transformação
Fevereiro 2015 e 2016 - Em milhões de US\$**



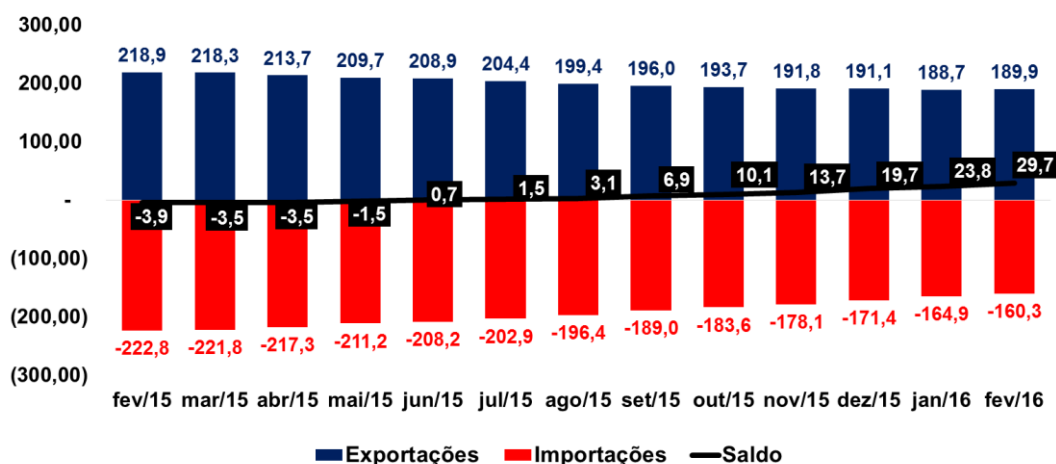
Fonte: FUNCEX. Elaboração: Depecon-Fiesp

ACUMULADO 12 MESES

Buscando amenizar os efeitos de volatilidade, a seguir é feita uma análise no acumulado 12 meses encerrado em fevereiro de 2016. Nessa base de comparação, as exportações totais somaram US\$ 189,9 bilhões, 13,3% abaixo do observado para o período finalizado em fevereiro de 2015 (US\$ 218,9 bilhões). Por sua vez, as importações totais atingiram US\$ 160,3 bilhões, queda de 28,1% em relação mesmo período do

ano anterior (US\$ 222,8 bilhões). O saldo comercial no acumulado 12 meses encerrado em fevereiro de 2016 é um superávit de US\$ 29,7 bilhões, enquanto, em fevereiro de 2015, o acumulado havia encerrado em déficit de US\$3,9 bilhões.

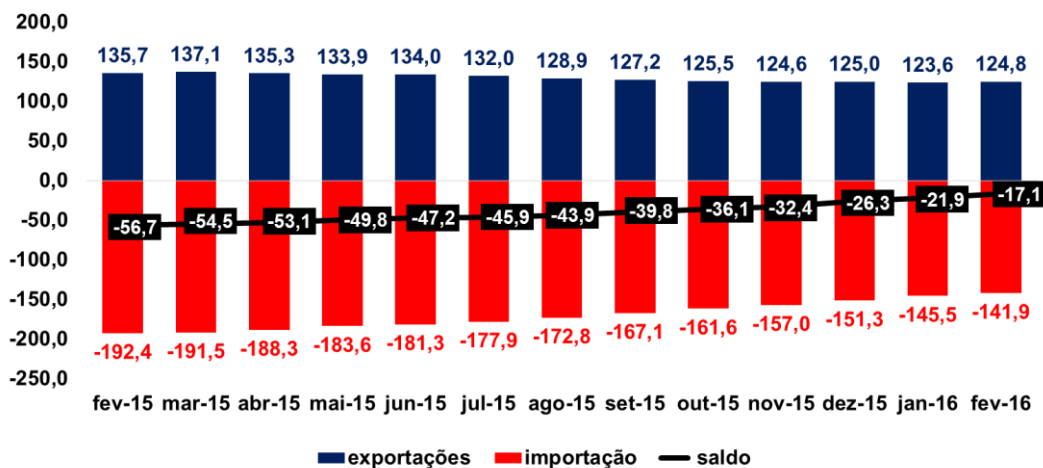
Balança Comercial - Acumulado 12 meses - US\$ bi



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon/FIESP

Analisando a Indústria de Transformação, o déficit da balança comercial diminuiu e passou de US\$ 21,9 bilhões encerrado em janeiro para US\$ 17,1 bilhões em fevereiro. E no último ano o déficit do saldo diminuiu muito, pois em fevereiro de 2015, o acumulado em 12 meses registrava US\$ 56,7 bilhões.

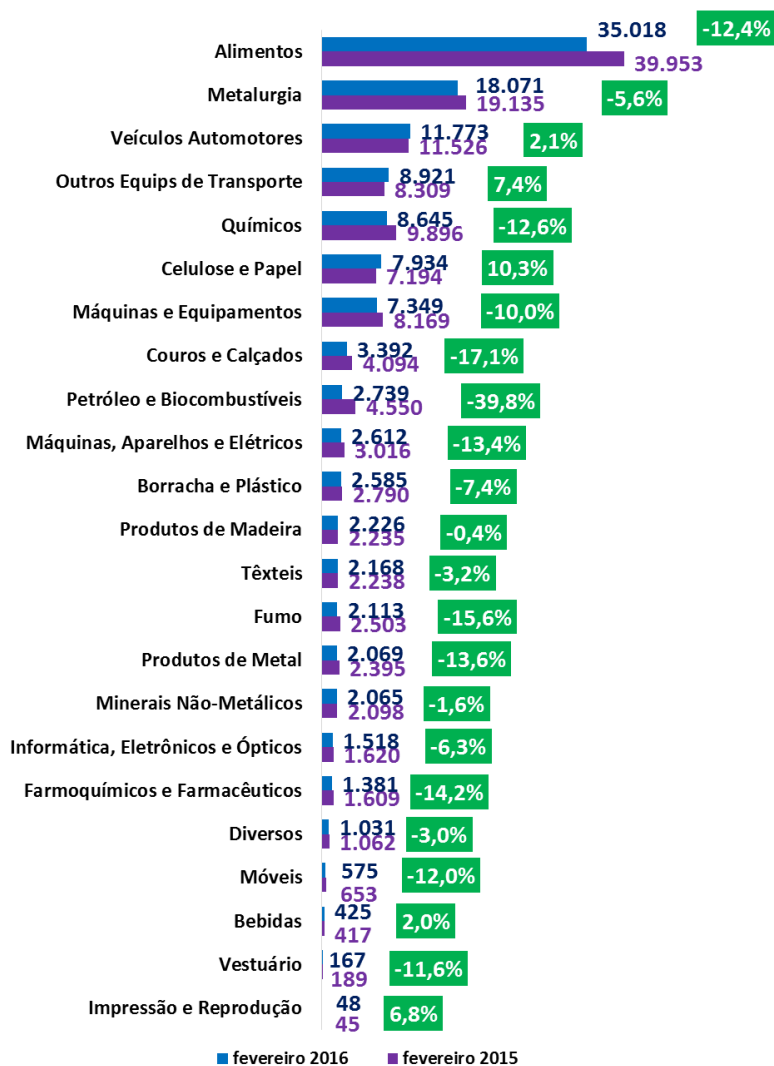
Balança Comercial da Indústria de Transformação - Acumulado 12 meses - US\$ bi



Fonte: MDIC e FUNCEX. Elaboração: Depecon/FIESP

Setorialmente, as exportações sofreram queda em 18 setores da IT, com destaque para derivados de petróleo e de biocombustíveis (-39,8%), couro e calçado (-17,1%) e fumo (-15,6%). Por outro lado, 5 setores mostraram crescimento, com destaque para celulose e papel (10,3%), outros equipamentos de transporte (7,4%) e impressão e gravação (6,8%). O gráfico abaixo apresenta as exportações setoriais acumuladas em 12 meses encerradas em fevereiro de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

**Exportações por setores da Indústria de Transformação
Acumulado 12 Meses - Em milhões de US\$**

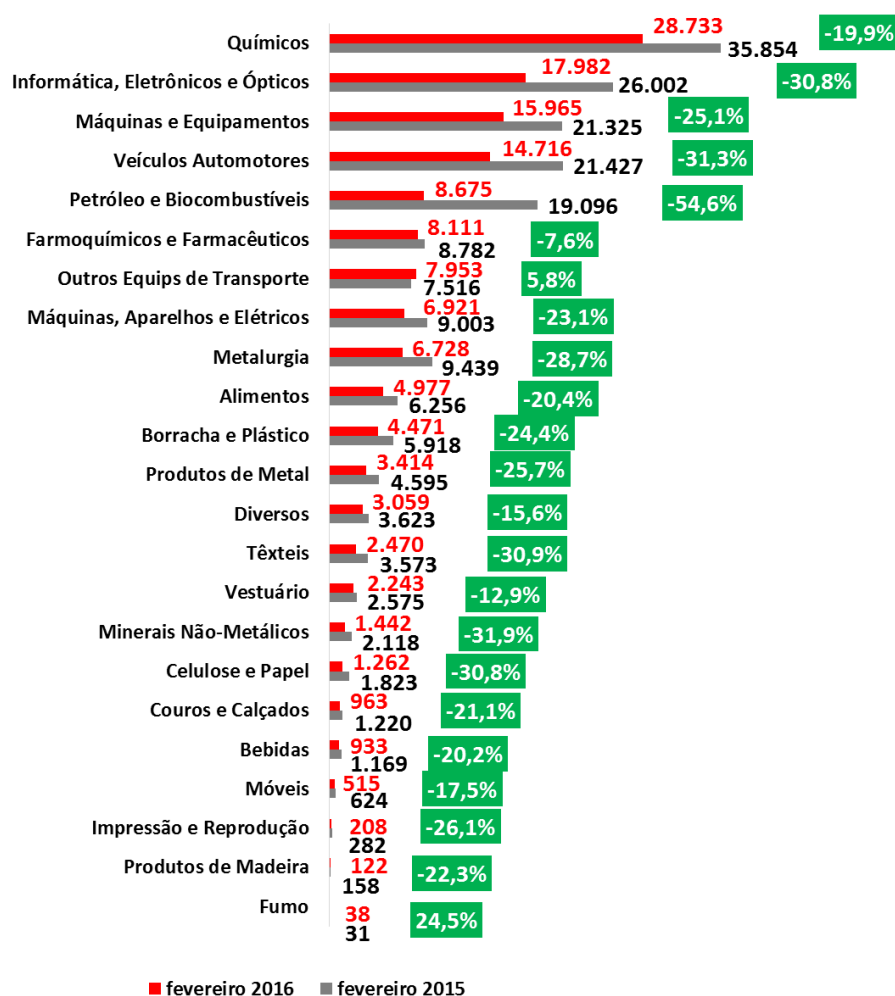


Fonte: FUNCEX. Elaboração: Depecon-Fiesp

As importações sofreram queda em 21 setores da IT, com destaque para derivados de petróleo e de biocombustíveis (-54,6%), minerais não metálico (31,9%) e veículos (-31,3%). Por outro lado, apenas 2 setores

mostraram crescimento que são fumo (24,5%) e outros equipamentos de transporte (5,8%). A seguir, o gráfico abaixo apresenta as importações setoriais acumuladas em 12 meses encerradas em fevereiro de 2016 e de 2015 e também a variação entre os períodos.

**Importações por setores da Indústria de Transformação
Acumulado 12 Meses - Em milhões de US\$**



Fonte: FUNCEX. Elaboração: Depecon-Fiesp

2.1. Coeficientes de Exportação e Importação da Indústria de Transformação

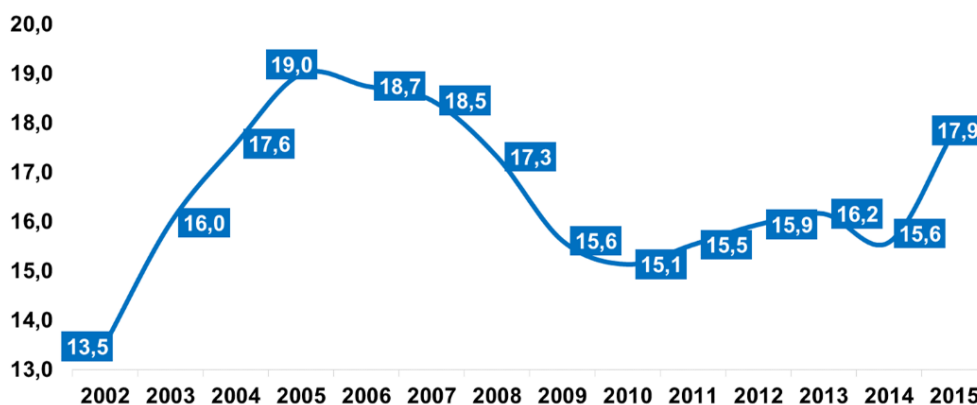
Os coeficientes de exportação e de importação tem como objetivo analisar de forma integrada a produção industrial e o comércio exterior. O Coeficiente de Exportação (CE) mede a proporção da produção que é exportada, enquanto o Coeficiente de Importação (CI) mede a proporção dos produtos consumidos

internamente que é importada. É importante ressaltar que produtos consumidos internamente é conhecido como consumo aparente e resulta da diferença entre produção e exportação e adiciona as importações.

O ANO DE 2015

Na análise anual, em 2015, o coeficiente de exportação da Indústria de Transformação alcançou 17,9%, o que significa que 17,9% da produção industrial foi destinada para exportação. Comparando com 2014, quando o coeficiente de exportação registrou 15,6%, houve um aumento de 2,3 p.p.

Coeficiente de Exportação (%) - Indústria de Transformação



Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central Elaboração: Depecon e Derex - Fiesp

Observando as principais variáveis de comércio exterior e de produção industrial, o aumento do coeficiente de exportação da IT em 2015, em comparação com a 2014, é explicado principalmente pela retração da produção industrial (-9,9%), mas também teve influência do aumento das exportações (+8,3%). A variação anual das principais variáveis pode ser observada no gráfico a seguir.

Variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação 2014 x 2015 (Em %)



Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central

Elaboração: Depecon e Derex - Fiesp

Os coeficientes de exportação de todos setores apresentaram crescimento em 2015, em comparação ao ano anterior. Os setores de destaque foram: metalurgia (+9,1 p.p.), fumo (+8,4 p.p.), veículos (+5,6 p.p.) e têxteis (+3,5 p.p.).

Coeficiente de Exportação Anual (Em %)

Coeficiente de Exportação	2014	2015	2015 x2014 (em p.p.)
Indústria de Transformação	15,6	17,9	2,3
Metalurgia	31,4	40,5	9,1
Produtos do fumo	45,5	53,9	8,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	13,4	19,0	5,6
Produtos têxteis	13,9	17,4	3,5
Produtos de madeira	24,9	28,4	3,5
Celulose, papel e produtos de papel	29,0	32,1	3,1
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	4,7	6,2	1,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	11,6	12,9	1,3
Produtos de minerais não-metálicos	6,6	7,7	1,1
Produtos alimentícios	22,0	23,0	1,0
Máquinas e equipamentos	17,6	18,6	1,0
Produtos de borracha e de material plástico	7,7	8,6	0,9
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	27,5	28,3	0,8
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	9,5	10,3	0,8
Produtos químicos	11,5	12,2	0,7
Móveis	5,4	6,1	0,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	7,7	8,3	0,6
Indústrias diversas	11,9	12,2	0,3
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	0,9	1,1	0,2
Bebidas	1,4	1,6	0,2
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	6,9	7,0	0,1

Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central Elaboração: Depecon e Drex - Fiesp

As principais variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação por setor podem ser observadas na tabela a seguir.

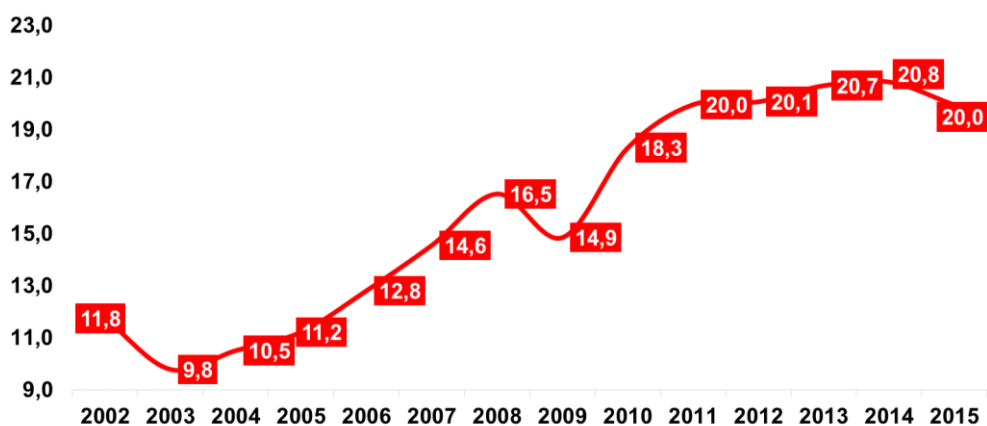
Variáveis que compõe o Coeficiente de Exportação: 2014 x 2015 (Em %)

	Produção Industrial Mensal (PIM-PF)	Exportações (quantum)	Varição do Coeficiente de Exportação (Em p.p.)
Indústria de Transformação	-9,9	8,3	2,3
Metalurgia	-8,9	17,7	9,1
Produtos do fumo	-9,3	7,4	8,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-25,9	4,7	5,6
Produtos têxteis	-14,6	7,1	3,5
Produtos de madeira	-4,6	8,9	3,5
Celulose, papel e produtos de papel	-0,7	9,9	3,1
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-29,9	-6,7	1,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-12,2	-2,5	1,3
Produtos de minerais não-metálicos	-7,8	7,9	1,1
Produtos alimentícios	-2,3	2,2	1,0
Máquinas e equipamentos	-14,6	-9,9	1,0
Produtos de borracha e de material plástico	-9,1	1,8	0,9
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-7,5	-4,8	0,8
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	-12,2	-5,0	0,8
Produtos químicos	-4,7	1,7	0,7
Móveis	-14,6	-3,9	0,7
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-11,4	-3,9	0,6
Indústrias diversas	-4,5	-2,0	0,3
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-10,8	5,0	0,2
Bebidas	-5,4	3,4	0,2
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	-5,9	-5,0	0,1

Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central Elaboração: Depecon e Derex - Fiesp

Analisando coeficiente de importação da Indústria de Transformação, por sua vez, chegou a 20,0%, diminuindo 0,8 p.p. em relação a 2014. Lembrando que o resultado de 2015 significa que 20,0% dos produtos consumidos internamente são importados.

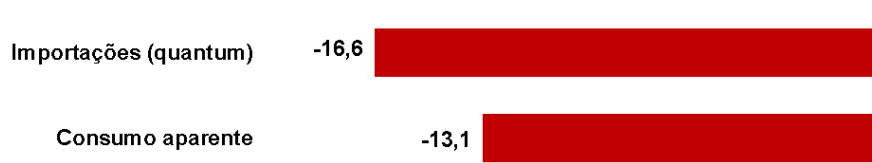
Coeficiente de Importação (%) - Indústria de Transformação



Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central Elaboração: Depecon e Derex - Fiesp

Voltando a avaliar as principais variáveis de comércio exterior e de produção industrial da IT, a retração do coeficiente de importação em 2015, comparada ao resultado do ano anterior, é explicada pela queda nas importações (15,1%). Portanto, a retração do coeficiente de importação reflete a queda das importações em 2015.

**Variáveis que compõe o Coeficiente de Importação
2014 x 2015 (Em %)**



Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central

Elaboração: Depecon e Derex - Fiesp

O coeficiente de importação setorial apresentou retração em 13 dos 21 setores analisados com destaque para derivados de petróleo (-2,5 p.p.), celulose e papel (-1,8 p.p.) e máquinas e equipamentos (-1,6 p.p.). Por outro lado, os coeficientes de importação que mais cresceram em 2015 foram dos setores de farmacêuticos (+4,0 p.p.), metalurgia (+1,8 p.p.) e equipamento de informática (+1,4 p.p.).

Coeficiente de Importação Anual (Em %)

Coeficiente de Importação	2014	2015	2015 x2014 (em p.p.)
Indústria de Transformação	20,8	20,0	-0,8
Produtos farmacêuticos farmacêuticos	43,5	47,5	4,0
Metalurgia	18,6	20,4	1,8
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	45,2	46,6	1,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	21,7	22,8	1,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	11,2	12,0	0,8
Produtos do fumo	1,0	1,5	0,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	28,7	29,2	0,5
Móveis	5,3	5,6	0,3
Produtos de madeira	2,2	1,9	-0,2
Bebidas	5,0	4,7	-0,3
Produtos alimentícios	4,2	4,0	-0,3
Produtos têxteis	20,6	20,2	-0,4
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	9,8	9,2	-0,6
Indústrias diversas	34,4	33,6	-0,8
Produtos de borracha e de material plástico	14,7	13,6	-1,1
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	13,2	12,0	-1,2
Produtos de minerais não-metálicos	6,7	5,2	-1,5
Produtos químicos	30,6	29,1	-1,5
Máquinas e equipamentos	35,8	34,2	-1,6
Celulose, papel e produtos de papel	9,1	7,3	-1,8
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	23,3	20,8	-2,5

Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central Elaboração: Depecon e Drex - Fiesp

Por fim, as principais variáveis do Coeficiente de Importação por setor podem ser observadas na tabela seguir.

Variáveis que compõe o Coeficiente de Importação: 2014 x 2015 (Em %)

	Consumo Aparente	Importações (quantum)	Varição do Coeficiente de Importação (Em p.p.)
Indústria de Transformação	-13,1	-15,1	-0,8
Produtos farmoquímicos farmacêuticos	-6,4	-11,1	4,0
Metalurgia	-19,1	14,5	1,8
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	-29,3	-26,0	1,4
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-29,6	-20,4	1,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-10,1	-20,1	0,8
Produtos do fumo	-22,9	-25,1	0,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-13,0	-27,1	0,5
Móveis	-14,9	-11,7	0,3
Produtos de madeira	-9,3	-30,2	-0,2
Bebidas	-5,7	-9,8	-0,3
Produtos alimentícios	-3,8	-21,3	-0,3
Produtos têxteis	-18,6	-17,5	-0,4
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	-9,2	-15,4	-0,6
Indústrias diversas	-6,0	2,0	-0,8
Produtos de borracha e de material plástico	-11,1	-11,8	-1,1
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-13,2	-9,3	-1,2
Produtos de minerais não-metálicos	-10,4	-21,1	-1,5
Produtos químicos	-7,3	-8,1	-1,5
Máquinas e equipamentos	-17,7	-3,3	-1,6
Celulose, papel e produtos de papel	-6,9	-10,7	-1,8
Derivados do petróleo biocombustíveis e coque	-9,0	-18,8	-2,5

Fonte: Funcex, IBGE, Banco Central Elaboração: Depecon e Derex - Fiesp

3. Exportações, Importações e Balança Comercial dos Produtos do SIMEFRE

Os dados a seguir visam a apresentar dados de comércio exterior para os produtos do SIMEFRE. A partir dos NCM's representados pelo sindicato, levantamos dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) de exportações, importações e balança comercial.

SIMEFRE – Departamento Ferroviário⁶

No Departamento Ferroviário do SIMEFRE, as exportações alcançaram U\$ 129 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, uma alta de 18,2% em relação ao mesmo período de 2015.

As principais influências positivas nas exportações do período vieram de litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04 de fonte externa de eletricidade (NCM 86031000), vagões de passageiros para vias férreas ou semelhantes (excluindo as viaturas da posição 86.04) (NCM 86050010) e outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria (NCM 84798999).

Por outro lado, vagões abertos, com paredes fixas de altura superior a 60 cm, para transporte de mercadorias sobre vias férreas (NCM 86069200), ganchos e outros sistemas de engate, para-choques, e suas partes, de veículos para vias férreas (NCM 86073000) e contêineres, incluindo os de transporte de fluidos, especialmente concebidos e equipados para um ou vários meios de transporte (NCM 86090000) foram as principais influências negativas no acumulado de janeiro e fevereiro deste ano das exportações.

Por sua vez, as importações do Departamento Ferroviário do SIMEFRE, no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, somaram U\$ 287 milhões, uma queda de 41,0% em relação ao mesmo período de 2015.

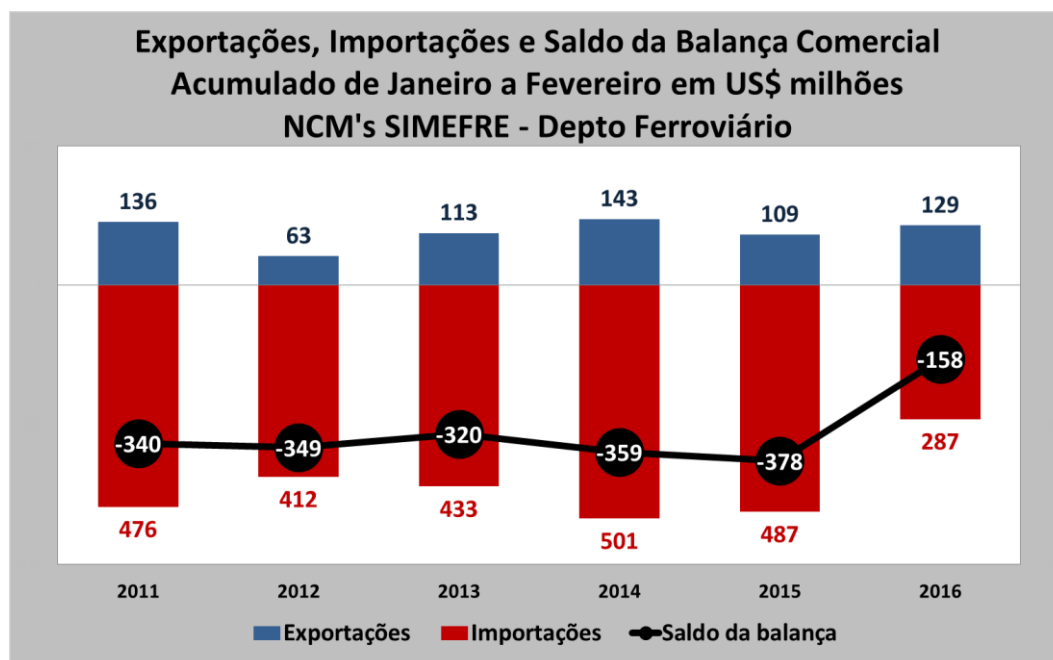
⁶ NCM's considerados: 68109900; 73021010; 73021090; 73023000; 73024000; 73029000; 84798999; 84811000; 84812090; 84813000; 84814000; 84818099; 84819090; 84829119; 85013310; 85013411; 85301010; 85301090; 85309000; 86011000; 86012000; 86021000; 86029000; 86031000; 86039000; 86040000; 86050010; 86050090; 86061000; 86063000; 86069100; 86069200; 86069900; 86071110; 86071120; 86071200; 86071911; 86071919; 86071990; 86072100; 86072900; 86073000; 86079100; 86079900; 86080011; 86080012; 86080090; 86090000.

As principais influências negativas do período vieram de outras máquinas e aparelhos mecânicos com função própria (NCM 84798999), trilhos de aço, de peso linear superior ou igual a 44,5 kg/m (NCM 73021010), locomotivas diesel-elétricas (NCM 86021000) e partes de torneiras e outros dispositivos para canalizações (NCM 84819090).

Por outro lado, outras partes de veículos para vias férreas (NCM 86079900), litorinas, mesmo para circulação urbana, exceto as da posição 86.04 de fonte externa de eletricidade (NCM 86031000) e aparelhos eletrônicos digitais para controle de tráfego de vias férreas (NCM 85301010) foram as principais influências positivas no acumulado de janeiro e fevereiro deste ano das importações.

Com isso, o saldo da balança comercial dos produtos representados pelo Departamento Ferroviário do SIMEFRE ficou negativo em US\$ 158 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, enquanto no mesmo período de 2015, o saldo foi negativo em US\$ 378 milhões.

A evolução das exportações, importações e saldo da balança comercial no acumulado de janeiro e fevereiro nos diversos anos pode ser acompanhada no gráfico abaixo.



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

SIMEFRE – Departamento Rodoviário⁷

No Departamento Rodoviário do SIMEFRE, as exportações alcançaram U\$ 51 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, uma queda de 22,4% em relação ao mesmo período de 2015.

As principais influências negativas nas exportações do período vieram de veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel) (NCM 87021000), carrocerias para veículos automóveis com capacidade de transporte superior ou igual a 10 pessoas, ou para carga (NCM 87079090) e outros veículos automóveis motor diesel, carga superior a 20 toneladas (NCM 87042390).

Por outro lado, reboques-cisternas para transporte de mercadorias (NCM 87163100) e aparelhos de ar-condicionado, com capacidade inferior ou igual a 30.000 frigorias/hora, do tipo dos utilizados para o conforto dos passageiros nos veículos automóveis (NCM 84152010) foram as principais influências positivas no acumulado de janeiro e fevereiro deste ano das exportações.

Por sua vez, as importações do Departamento Rodoviário do SIMEFRE, no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, somaram U\$ 25 milhões, uma queda de 65,9% em relação ao mesmo período de 2015.

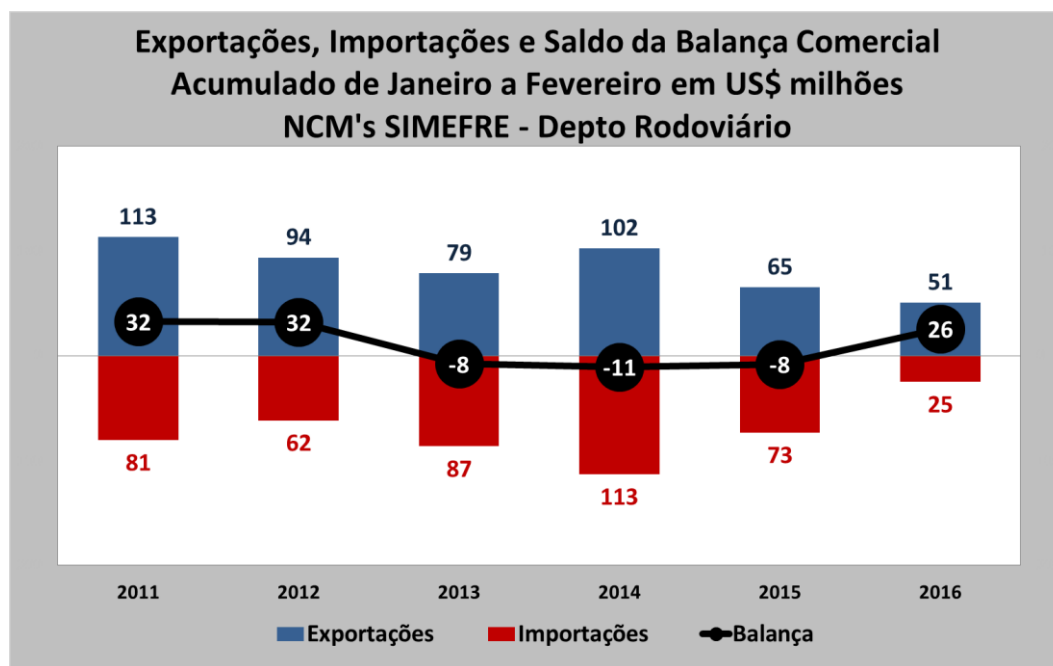
As principais influências negativas do período vieram de veículos automóveis para transporte de dez pessoas ou mais, incluindo o motorista, com motor de pistão, de ignição por compressão (diesel ou semidiesel) (NCM 87021000) e veículos automóveis de combate a incêndios (NCM 87053000).

Por outro lado, carrocerias para veículos automóveis com capacidade de transporte superior ou igual a 10 pessoas, ou para carga (NCM 87079090) foi a única influência positiva no acumulado de janeiro e fevereiro deste ano das importações.

Com isso, o saldo da balança comercial dos produtos representados pelo Departamento Rodoviário do SIMEFRE ficou positivo em US\$ 26 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, enquanto no mesmo período de 2015, o saldo foi negativo em US\$ 8 milhões.

⁷ NCM's considerados: 84143091; 84143099; 84152010; 87021000; 87029010; 87041000; 87042390; 87051000; 87053000; 87079010; 87079090; 87086090; 87091900; 87161000; 87162000; 87163100; 87163900; 87164000; 87168000; 87169010; 87169090.

A evolução das exportações, importações e saldo da balança comercial no acumulado de janeiro e fevereiro nos diversos anos pode ser acompanhada no gráfico abaixo.



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

SIMEFRE – Departamento de Veículos de Duas Rodas⁸

No Departamento de Veículos de Duas Rodas do SIMEFRE, as exportações alcançaram U\$ 31 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, um aumento de 8,7% em relação ao mesmo período de 2015.

As principais influências positivas nas exportações do período vieram de motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada inferior ou igual a 125 cm³ (NCM 87112010), pneumáticos novos, de borracha, dos tipos utilizados em motocicletas (NCM 40114000) e motocicletas com motor a pistão alternativo, de cilindrada superior a 125 cm³ (NCM 87112020).

Por outro lado, Motocicletas, etc, com motor a pistão alternativo, 250 < cilindrada <= 500 cm³ (NCM 87113000) foi a principal influência negativa no acumulado de janeiro e fevereiro deste ano das exportações.

⁸ NCM's considerados: 40114000; 40115000; 40132000; 40139000; 73151100; 87111000; 87112010; 87112020; 87112090; 87113000; 87114000; 87115000; 87119000; 87120010; 87120090; 87141000; 87149100; 87149200; 87149310; 87149320; 87149410; 87149490; 87149500; 87149600; 87149910; 87149990.

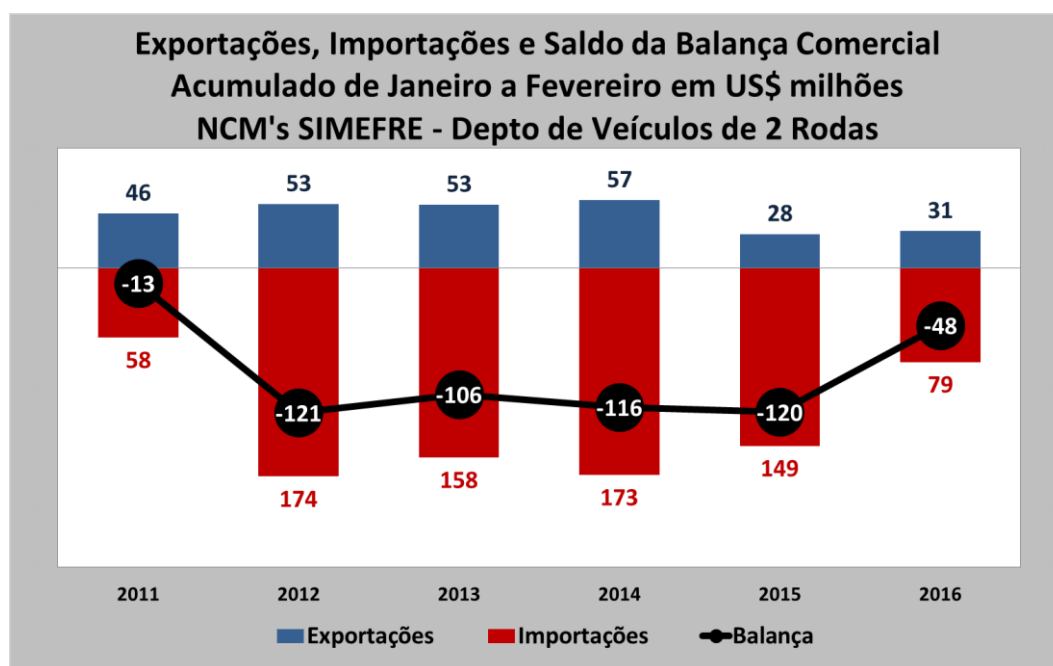
Por sua vez, as importações do Departamento de Veículos de Duas Rodas do SIMEFRE, no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, somaram US\$ 79 milhões, uma queda de 47,1% em relação ao mesmo período de 2015.

As principais influências negativas do período vieram de partes e acessórios de motocicletas (inclusive ciclomotores) (NCM 87141000) e motocicletas (incluindo os ciclomotores) e outros ciclos, com motor a pistão alternativo, com motor de pistão alternativo de cilindrada não superior a 50 cm³ (NCM 87111000).

Por outro lado, corrente de rolos, de ferro fundido, de ferro ou aço (NCM 87079090) foi a principal influência positiva no acumulado de janeiro e fevereiro deste ano das importações.

Com isso, o saldo da balança comercial dos produtos representados pelo Departamento de Veículos de Duas Rodas do SIMEFRE ficou negativo em US\$ 48 milhões no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, enquanto no mesmo período de 2015, o saldo foi negativo em US\$ 120 milhões.

A evolução das exportações, importações e saldo da balança comercial no acumulado de janeiro e fevereiro nos diversos anos pode ser acompanhada no gráfico abaixo.



Fonte: MDIC. Elaboração: Depecon-FIESP

4. Produção Industrial Brasileira

MÊS DE JANEIRO

A produção industrial brasileira aumentou 0,4% em janeiro, na série com ajuste sazonal, após sete meses consecutivos de queda. A Indústria de Transformação teve elevação de 0,6% no mês, enquanto a Indústria Extrativa Mineral apresentou forte contração de 2,7% em janeiro.

Entre os setores da Indústria de Transformação, oito apresentaram queda enquanto 15 apresentaram aumento no mês de janeiro em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais. Os destaques positivos no mês foram: Móveis (7,8%); Têxteis (7,1%); Produtos de madeira (6,1%) e Máquinas e materiais elétricos (6,1%).



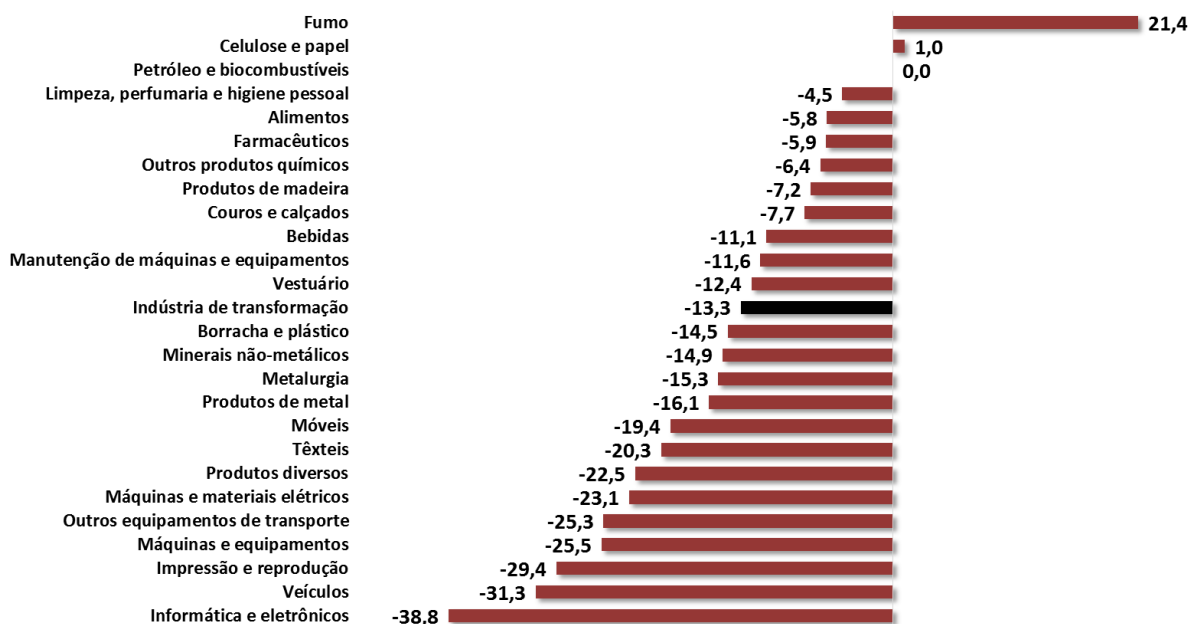
Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

JANEIRO DE 2016 EM RELAÇÃO A JANEIRO DE 2015

Em relação a janeiro de 2015, a produção industrial em janeiro de 2016 apresentou uma queda de 13,8%, influenciada tanto pela queda de 16,9% na Indústria Extrativa quanto pela queda de 13,3% na Indústria de Transformação.

Entre os setores da Indústria de Transformação, dois apresentaram aumento, um setor ficou estável e os demais apresentaram queda no mês de janeiro em relação ao janeiro do ano anterior. Os destaques negativos nesta comparação foram: Informática e eletrônicos (-38,8%); Veículos (-31,3%); Impressão e reprodução (-29,4%) e Máquinas e equipamentos (-25,5%).

Produção Industrial - Brasil Variação % Janeiro/2016 em relação a Janeiro/2015

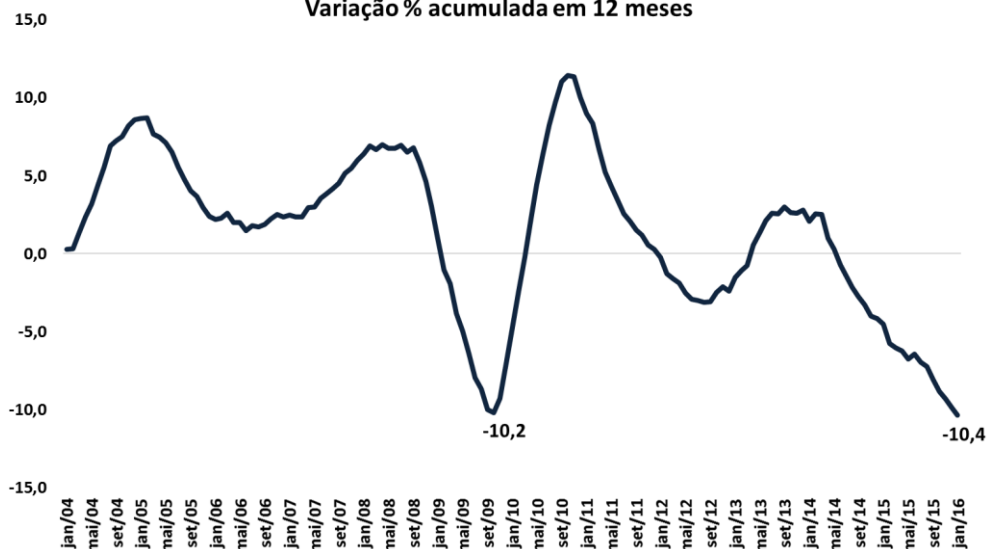


Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

ACUMULADO EM 12 MESES

No acumulado em doze meses até janeiro de 2016, a produção industrial brasileira apresentou uma queda 9,0%. O resultado foi influenciado por uma queda de 10,4% na Indústria de Transformação, enquanto a Indústria Extrativa Mineral cresceu 1,3% no período. A queda da Indústria de Transformação no acumulado em 12 meses é a maior da série.

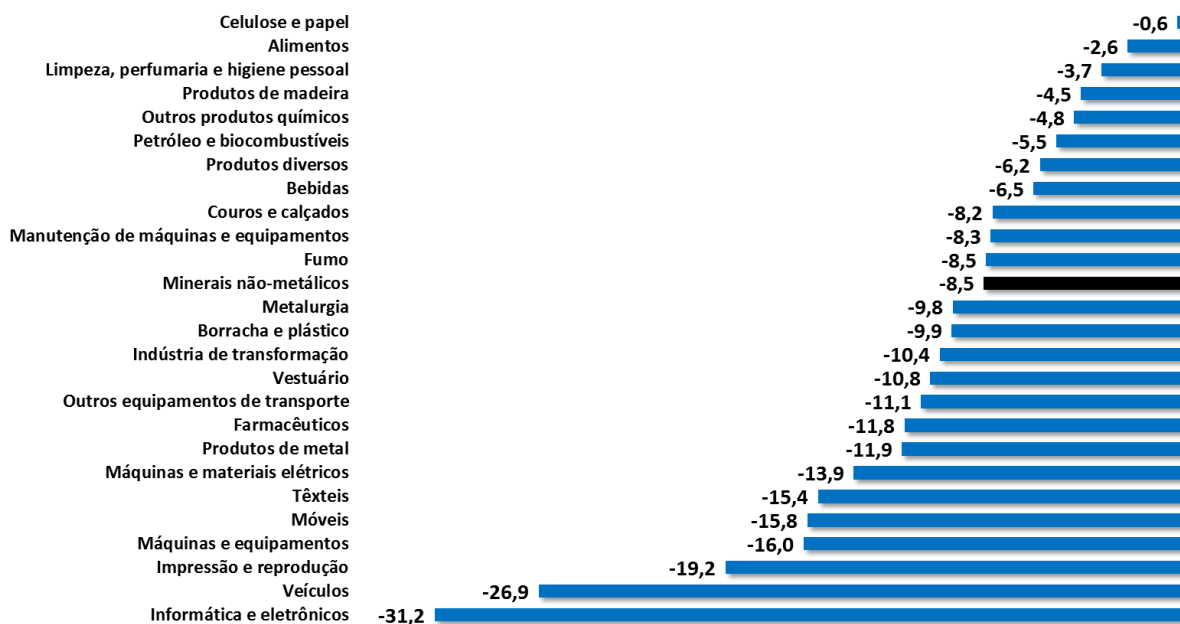
Produção da Indústria de Transformação - Brasil
Variação % acumulada em 12 meses



Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

Ainda no acumulado em 12 meses até janeiro de 2016, todos os 25 ramos de atividades da Indústria de Transformação apresentaram queda, com destaque para informática e eletrônicos (31,2%) e veículos (-26,9%).

Produção Industrial - Brasil
Variação % Acumulada em 12 Meses até Janeiro/2016



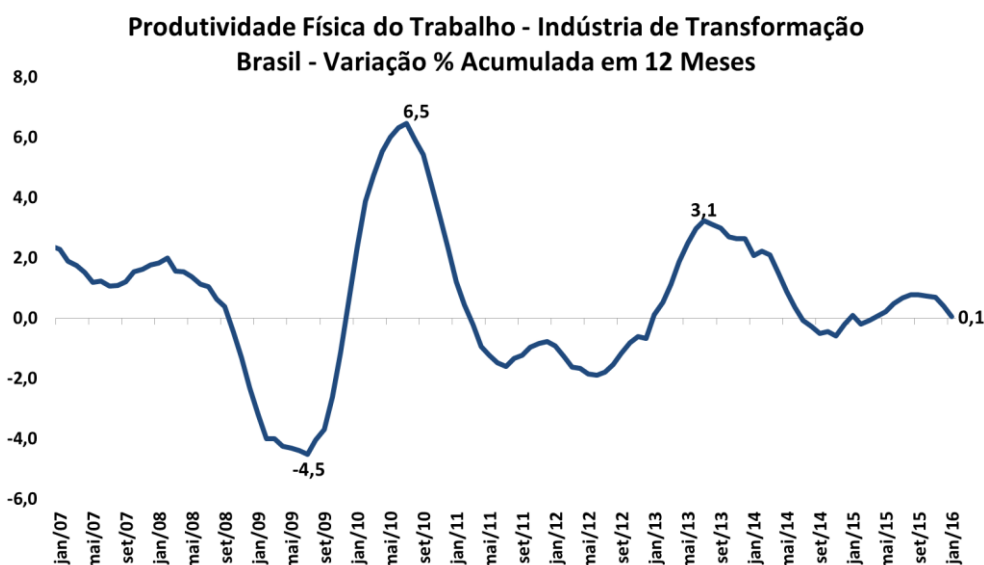
Fonte: PIM-PF / IBGE. Elaboração: Depecon/FIESP

5. Produtividade Física do Trabalho na Indústria de Transformação Brasileira

O indicador de produtividade física do trabalho é calculado mensalmente pelo Depecon/Fiesp a partir dos dados de Produção Física do IBGE e de Horas Trabalhadas na Produção da FIESP e da CNI. Ele mede variação do quanto é produzido com cada hora de trabalho. Isso significa que, quando há aumento do indicador do indicador de produtividade, a indústria está produzindo mais produto com menos horas de trabalho.

A produtividade física do trabalho da Indústria de Transformação apresentou uma queda de 2,3% em Janeiro de 2016, na comparação com Dezembro de 2015, livre de influência sazonal. Este resultado decorreu do aumento de 0,6% da produção física da Indústria de Transformação e de um aumento de 2,9% das horas trabalhadas na produção no mês.

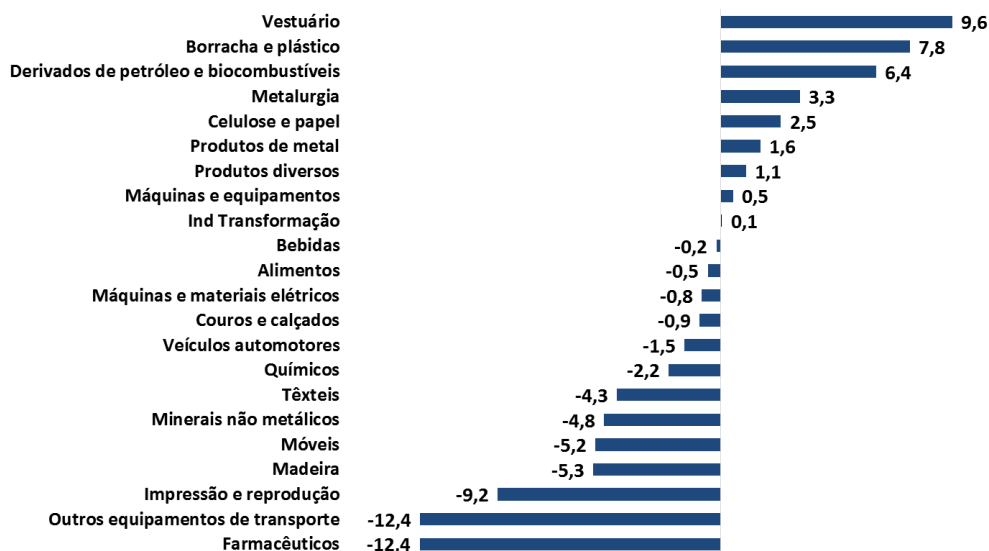
Na variação acumulada em 12 meses até janeiro, a produção industrial apresentou queda de 10,4%, enquanto o número de horas trabalhadas na produção apresentou queda de 10,4% nesta comparação. A queda da produção foi ligeiramente menor que do número de horas trabalhadas na produção, resultando em um pequeno aumento de 0,1% na produtividade acumulada em 12 meses até janeiro. Isso significa, que a produtividade aumentou, mas não da forma mais positiva, pois foi acompanhada de queda da produção.



Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

Quanto aos setores da Indústria de Transformação, no acumulado em 12 meses até janeiro de 2016, houve aumento da produtividade em oito setores e queda em treze.

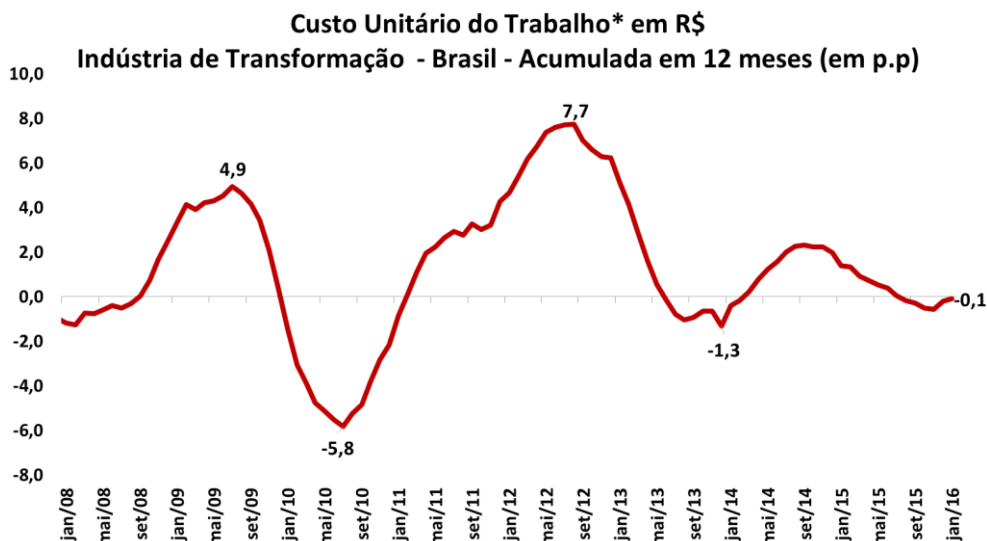
Produtividade Física do Trabalho
Brasil - Variação % Acumulada em 12 meses até Janeiro/2016



Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

A diferença entre a variação da remuneração mensal real e a variação da produtividade é chamada de Custo Unitário do Trabalho (CUT). Este indicador mede a variação do custo com trabalho em uma unidade de produto. Isso significa que, quando há queda do custo unitário do trabalho, ficou mais barato produzir uma unidade de produto, em termos de trabalho.

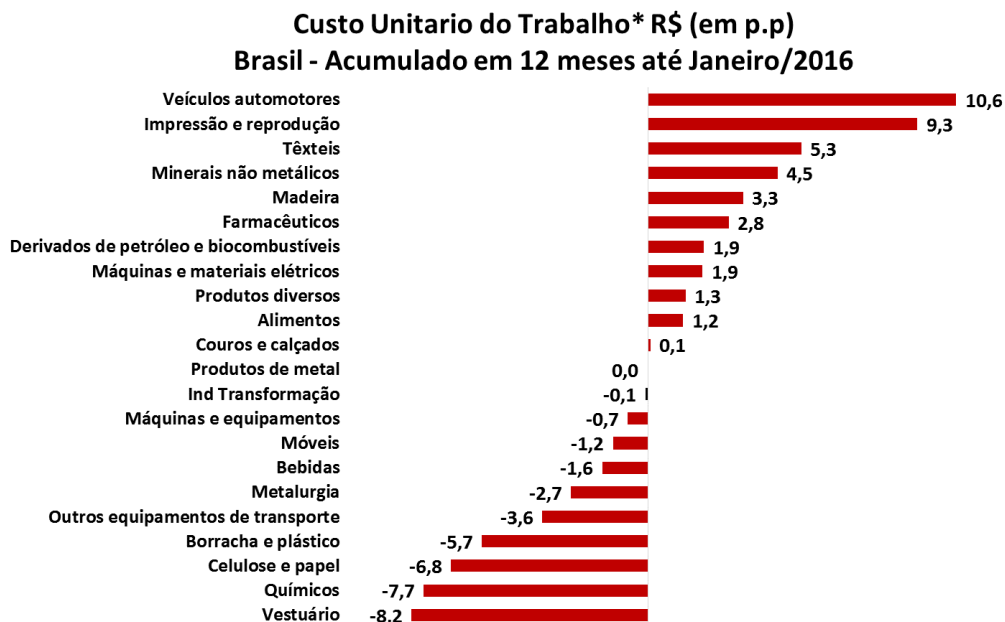
No acumulado em 12 meses até Janeiro, a remuneração real média em reais ficou estável, após crescer continuamente desde abril de 2009 nesta comparação. Como a produtividade cresceu 0,1% nesta comparação, o custo unitário do trabalho teve uma queda de 0,1 ponto.



Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

* Diferencial entre a variação da remuneração real média e a variação da produtividade

Em 10 dos 21 setores da indústria de transformação, o aumento da remuneração real média em reais também foi menor que o aumento da produtividade, resultado em queda do custo unitário do trabalho.



Fonte: PIM-PF / IBGE e Indicadores Industriais / CNI. Elaboração: Depecon/FIESP

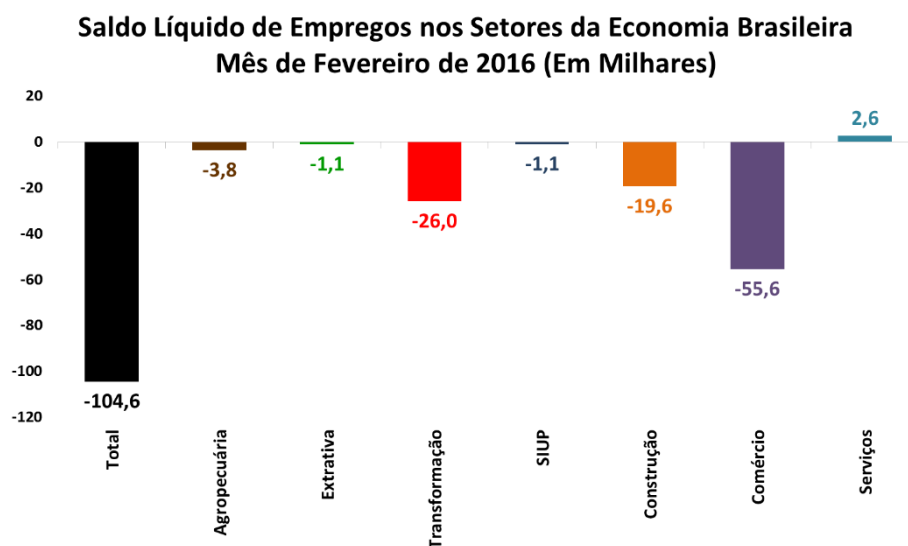
* Diferencial entre a variação da remuneração real média e a variação da produtividade

A análise deste indicador com abertura também para o Estado de São Paulo é divulgada mensalmente pelo Depecon e está disponível no site da FIESP: <http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/produtividade-fisica-do-trabalho-na-industria-de-transformacao/>

6. Emprego na Indústria de Transformação Brasileira

MÊS DE FEVEREIRO

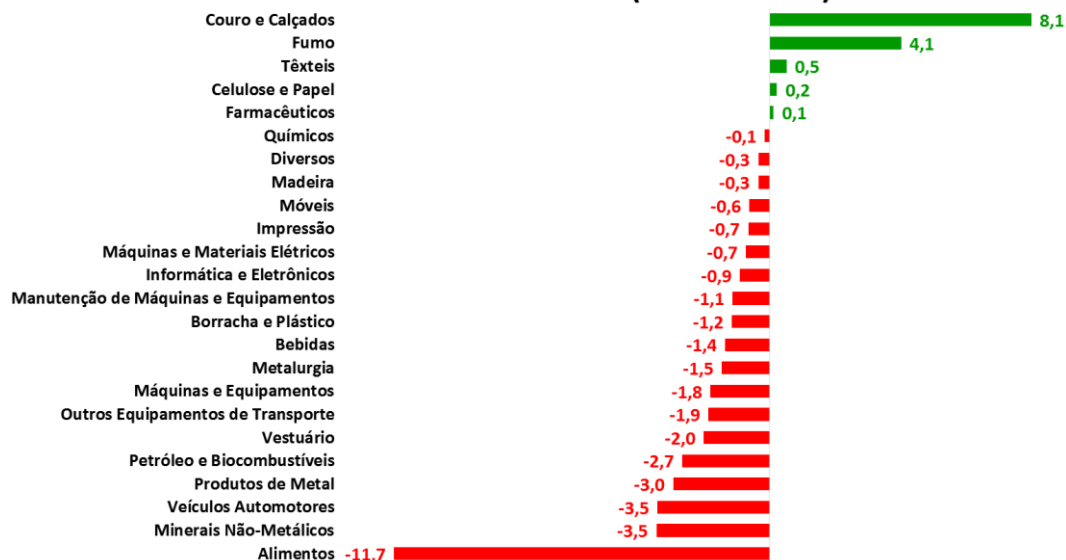
No Brasil, foram fechadas 104,6 mil vagas de empregos formais em fevereiro de 2016 em todos os setores da economia brasileira. A principal influência negativa veio do comércio, com o fechamento de 55,6 mil vagas no mês. A Indústria de Transformação também permanece em trajetória de queda do nível de emprego, fechando 26,0 mil vagas no mês de fevereiro.



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no mês foram de alimentos (-11,7 mil vagas), de minerais não metálicos (-3,5 mil vagas) e veículos automotores (-3,5 mil vagas). Por outro lado, no setor de couro e calçados, foram criadas 8,1 mil vagas no mês.

Saldo Líquido de Empregos Setores da IT Brasileira Mês de Fevereiro de 2016 (Em Milhares)

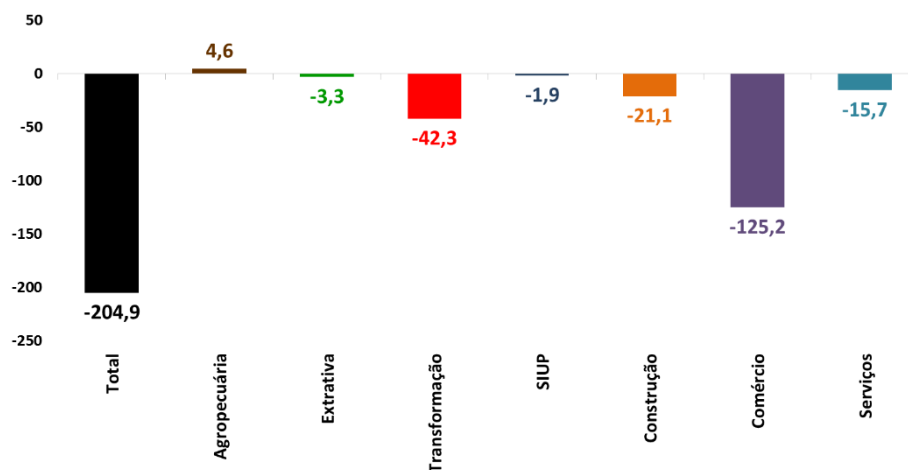


Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

ACUMULADO NO ANO DE 2016

No acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, no Brasil, foram fechadas 204,9 mil vagas de empregos formais em todos da economia brasileira. A principal influência negativa veio do comércio, com o fechamento de 125,2 mil vagas no ano. A Indústria de Transformação também teve resultado negativo no acumulado do ano, com o fechamento 42,3 mil vagas.

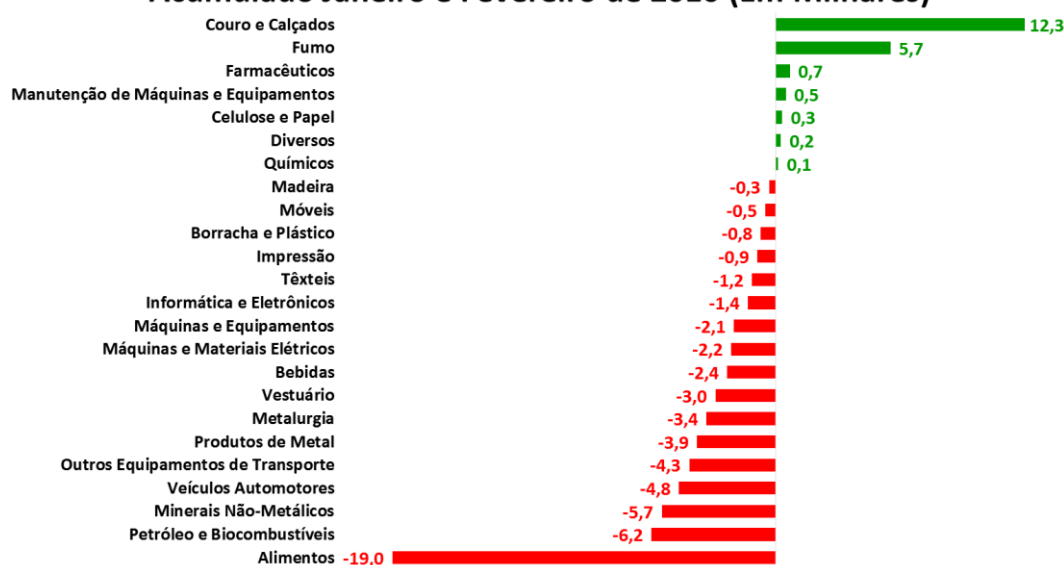
Saldo Líquido de Empregos nos Setores da Economia Brasileira Acumulado Janeiro e Fevereiro de 2016 (Em Milhares)



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no acumulado no ano foram de alimentos (-19,0 mil vagas), de petróleo e biocombustíveis (-6,2 mil vagas) e minerais não metálicos (-5,7 mil vagas). Por outro lado, no setor de couro e calçados, foram criadas 12,3 mil vagas no acumulado de janeiro e fevereiro de 2016.

Saldo Líquido de Empregos Setores da IT Brasileira Acumulado Janeiro e Fevereiro de 2016 (Em Milhares)

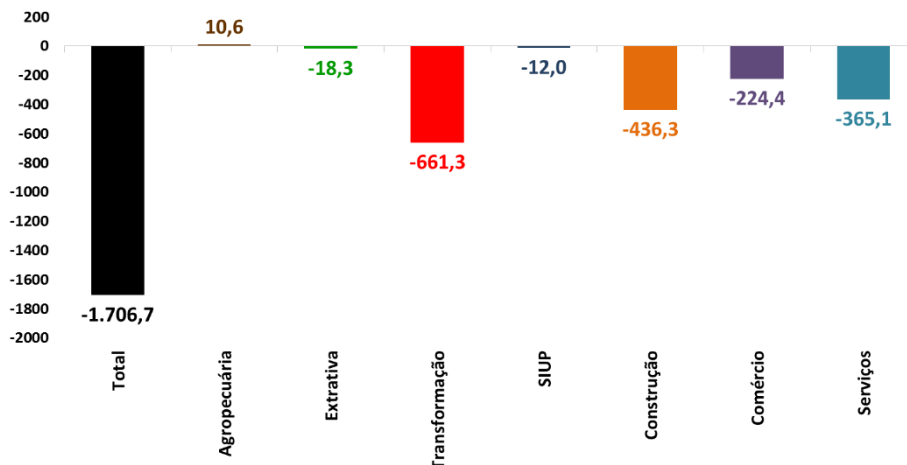


Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

ACUMULADO EM 12 MESES

No acumulado em 12 meses até fevereiro de 2016, no Brasil, foram fechadas 1,7 milhões vagas de empregos formais em todos as atividades. A principal influência negativa veio da Indústria de Transformação, com o fechamento de 661,3 mil vagas em 12 meses.

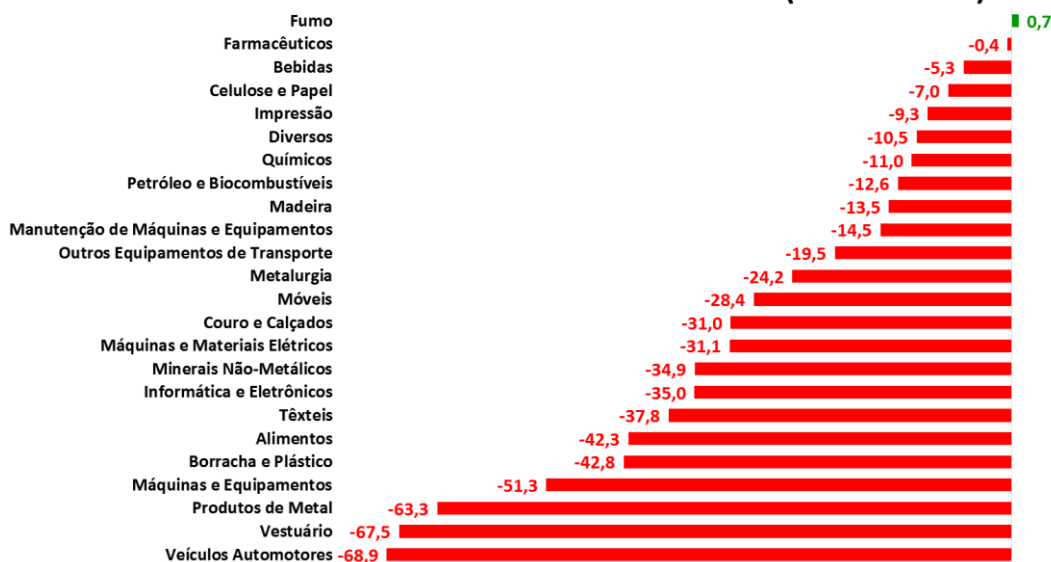
**Saldo Líquido de Empregos nos Setores da Economia Brasileira
Acumulado em 12 Meses até Fevereiro de 2016 (Em Milhares)**



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

Entre os setores industriais, os principais resultados negativos no acumulado em 12 meses até fevereiro foram de veículos automotores (-68,9 mil vagas), de vestuário (-67,5 mil vagas) e produtos de metal (-63,3 mil vagas). Por outro lado, apenas o setor de fumo teve resultado positivo no período.

**Saldo Líquido de Empregos Setores da IT Brasileira
Acumulado em 12 Meses até Fevereiro de 2016 (Em Milhares)**



Fonte: CAGED/MTE (Série com ajuste: incorpora as informações entregues fora do prazo). Elaboração: Depecon/FIESP

7. Empregos e Salários nos Setores CNAE do Sindicato

Os dados a seguir visam a apresentar um panorama geral sobre os setores incluídos no sindicato patronal quanto ao emprego e a remuneração média no Estado de São Paulo. A partir da informação dos setores CNAE representados pelo sindicato, levantamos dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) contidos na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) para os setores contidos no sindicato dentro do Estado de São Paulo.

SIMEFRE – SINDICATO DA INDÚSTRIA DE MATERIAIS E EQUIPAMENTOS FERROVIÁRIOS E RODOVIÁRIOS

7.1. Setores CNAE no Sindicato

O SIMEFRE inclui os seguintes setores CNAE 2.0:

Departamento Rodoviário (DR):

- 29.10-7: Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários
- 29.20-4: Fabricação de caminhões e ônibus
- 29.30-1: Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores

Departamento Ferroviário (DF):

- 30.31-8: Fabricação de locomotivas, vagões e outros materiais rodantes
- 30.32-6: Fabricação de peças e acessórios para veículos ferroviários
- 33.15-5: Manutenção e reparação de veículos ferroviários

Departamento de Veículos de Duas Rodas (DV2R):

- 30.91-1: Fabricação de motocicletas
- 30.92-0: Fabricação de bicicletas e triciclos não-motorizados
- 30.99-7: Fabricação de equipamentos de transporte não especificados anteriormente

7.2. Evolução da Ocupação

Segundo dados da RAIS do Ministério do Trabalho para o Estado de São Paulo, em 2015, o emprego formal nos setores do sindicato⁹ apresentou uma queda de 10,6% no DR, de 4,6% no DF e de 10,2% no DV2R. Nos Departamentos Rodoviário e de Veículos de Duas Rodas, este já é o segundo ano consecutivo de queda.

Empregados Formais no Estado de São Paulo						
	Setores SIMEFRE - DR		Setores SIMEFRE - DF		Setores SIMEFRE - DV2R	
	Nº de empregados	Varição % em relação ao ano anterior	Nº de empregados	Varição % em relação ao ano anterior	Nº de empregados	Varição % em relação ao ano anterior
2006	67.761	-	3.083	-	7.521	-
2007	72.872	7,5%	3.034	-1,6%	7.778	3,4%
2008	78.622	7,9%	2.741	-9,7%	7.739	-0,5%
2009	75.781	-3,6%	4.781	74,4%	7.597	-1,8%
2010	83.089	9,6%	6.106	27,7%	7.577	-0,3%
2011	86.944	4,6%	6.426	5,2%	6.748	-10,9%
2012	77.282	-11,1%	5.459	-15,0%	6.703	-0,7%
2013	89.900	16,3%	5.660	3,7%	7.083	5,7%
2014	83.595	-7,0%	6.054	7,0%	6.218	-12,2%
2015*	74.774	-10,6%	5.778	-4,6%	5.581	-10,2%

Fonte: RAIS / MTE * Valores estimados pelo CAGED / MTE

No acumulado de janeiro e fevereiro de 2016, os setores do DR já acumularam uma queda de 1,8% (fechamento de 1.343 vagas), do DF, uma queda de 2,4% (fechamento de 139 vagas) e do DV2R, uma queda de 0,6% (fechamento de 36 vagas).

Para o Departamento Ferroviário, este é o pior resultado da série para este período, enquanto para o Departamento Rodoviário, este é o pior resultado desde 2009 para este período. Para o Departamento de Veículos de Duas Rodas, no entanto, o fechamento de vagas do acumulado nos dois primeiros meses deste ano foi menor do que neste mesmo período de 2014 e de 2015.

⁹ Os dados levam em conta os setores CNAE 2.0 do sindicato no Estado de São Paulo, não representando necessariamente as empresas associadas ao sindicato.

Saldo de Empregos Formais Acumulado no Ano (Janeiro a Fevereiro)						
	Setores SIMEFRE - DR		Setores SIMEFRE - DF		Setores SIMEFRE - DV2R	
	Saldo Acumulado	Variação %	Saldo Acumulado	Variação %	Saldo Acumulado	Variação %
2007	-183	-0,3%	154	5,0%	143	1,9%
2008	1.565	2,1%	279	9,2%	139	1,8%
2009	-1.984	-2,5%	97	3,5%	-234	-3,0%
2010	1.081	1,4%	630	13,2%	107	1,4%
2011	1.305	1,6%	81	1,3%	-46	-0,6%
2012	757	0,9%	-77	-1,2%	-22	-0,3%
2013	930	1,2%	-31	-0,6%	150	2,2%
2014	-362	-0,4%	199	3,5%	-40	-0,6%
2015	-1.336	-1,6%	77	1,3%	-67	-1,1%
2016	-1.343	-1,8%	-139	-2,4%	-36	-0,6%

Fonte: CAGED/MTE (série ajustada - incorpora as informações entregues fora prazo)

7.3. Evolução Real dos Salários

Entre 2006 e 2015, a remuneração mensal média dos setores do DR no estado acumulou uma queda real de 5,9%, deflacionado pelo INPC. Nos setores do DV2R, a queda foi ainda maior, de 25,4%. Já no DF, houve um aumento real de 33,4% na remuneração mensal média dos setores no estado de São Paulo.

Remuneração Mensal Média em R\$ de 2015*									
	Setores SIMEFRE - DR			Setores SIMEFRE - DF			Setores SIMEFRE - DV2R		
	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015	Valor em R\$	Variação % em relação ao ano anterior	Variação % acumulada de 2006 a 2015
2006	6.650	-	-	4.206	-	-	3.712	-	-
2007	6.849	3,0%	-	3.268	-22,3%	-	3.750	1,0%	-
2008	6.694	-2,3%	-	3.726	14,0%	-	3.763	0,3%	-
2009	7.255	8,4%	-	4.307	15,6%	-	3.632	-3,5%	-
2010	7.181	-1,0%	-	4.406	2,3%	-	3.274	-9,9%	-
2011	7.028	-2,1%	-	4.807	9,1%	-	2.731	-16,6%	-
2012	6.734	-4,2%	-	5.195	8,1%	-	2.822	3,3%	-
2013	6.566	-2,5%	-	5.409	4,1%	-	2.841	0,7%	-
2014	6.337	-3,5%	-	5.682	5,1%	-	2.803	-1,3%	-
2015**	6.258	-1,3%	-5,9%	5.611	-1,3%	33,4%	2.768	-1,3%	-25,4%

Fonte: RAIS/MTE e IBGE

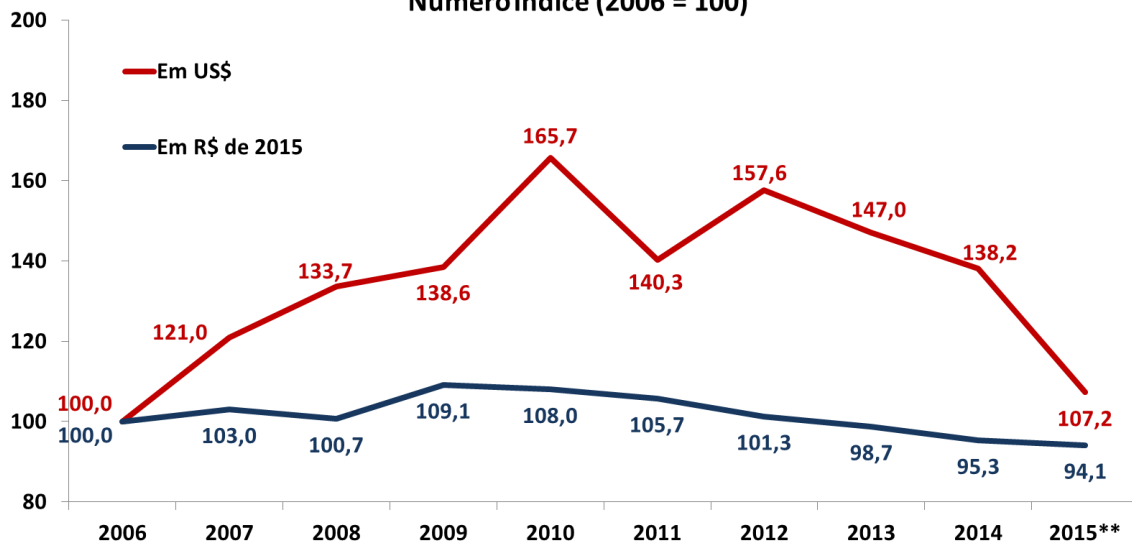
* Valores deflacionados pelo INPC do IBGE

** Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo. Pelo acordo coletivo, o aumento salarial em 2015 foi de 9,88%.

Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015*

Setores SIMEFRE - DR - São Paulo

Número Índice (2006 = 100)

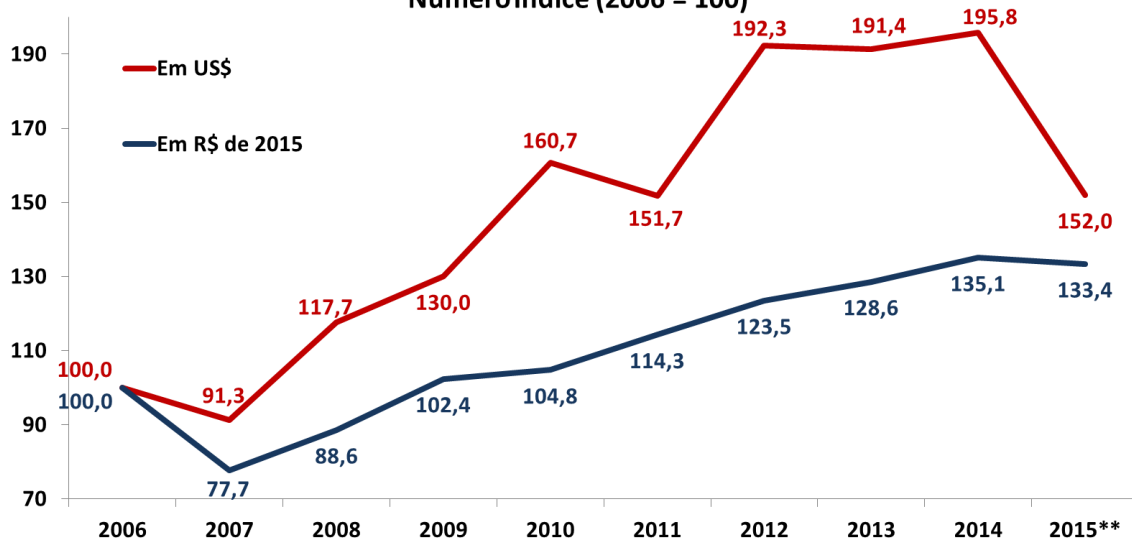


Fonte: RAIS/MTE, IBGE e BACEN *Valores deflacionados pelo INPC ** Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo.

Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015*

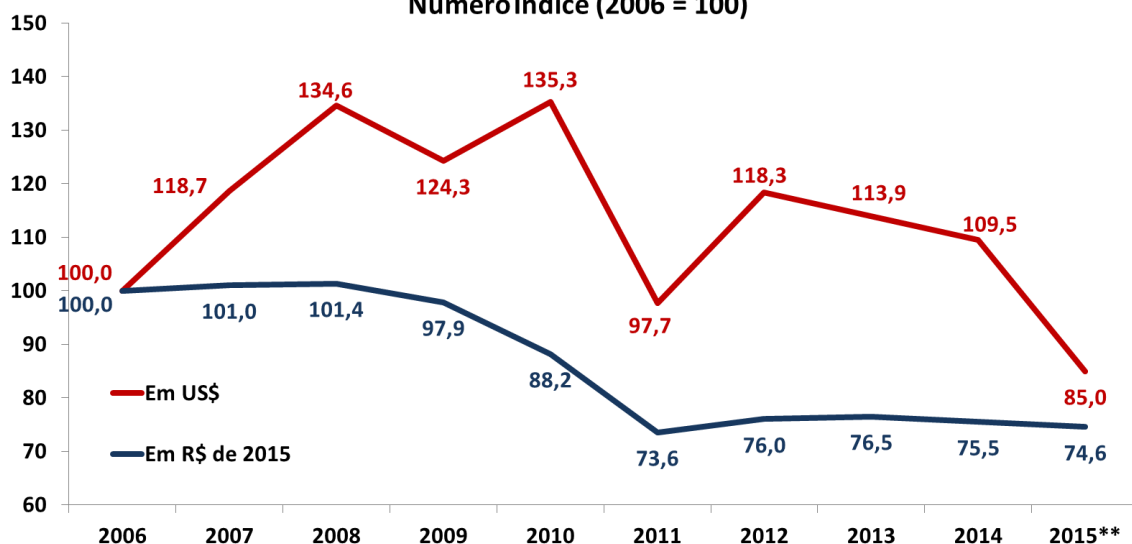
Setores SIMEFRE - DF - São Paulo

Número Índice (2006 = 100)



Fonte: RAIS/MTE, IBGE e BACEN *Valores deflacionados pelo INPC ** Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo.

Evolução da Remuneração Mensal Média em US\$ e em R\$ de 2015*
Setores SIMEFRE - DV2R - São Paulo
Número Índice (2006 = 100)



Fonte: RAIS/MTE, IBGE e BACEN *Valores deflacionados pelo INPC ** Valor de 2015 estimado a partir do acordo coletivo.